

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
DEPARTAMENTO DE ARTES E HUMANIDADES

**Reflexão sobre o processo de acessibilidade/popularização e elitização da
Arte**

Lorena Crepaldi Leitão Dias

VIÇOSA-MG

2021

Lorena Crepaldi Leitão Dias

**Reflexão sobre o processo de acessibilidade/popularização e elitização da
Arte**

Pesquisa apresentada para a disciplina DAN 443-
Trabalho de Conclusão de Curso II, como parte dos
requisitos para a obtenção do título bacharel em dança,
da Universidade Federal de Viçosa.

Orientadora: Professora do curso de Dança, Evanize
Siviero Romarco.

VIÇOSA-MG

2021

SUMÁRIO

Resumo.....	06
1.0 Introdução.....	07
2.0 Objetivos	09
2.1 Objetivo Geral	
2.2 Objetivo específico	
3.0 Revisão de literatura	10
3.1 O Corpo: comunicação/linguagem	11
3.2. O surgimento da Arte	18
4.0 Metodologia	19
4.1 Participantes	
4.2 Instrumentos da pesquisa	20
4.3.1 Questionário	
4.4 Tratamento dos Dados	
5. Análise e discussão dos Resultados.....	21
5.1 Perfil sociodemográfico	
5.1.1 Renda Familiar	24
5.2. Acesso e Consumo a Arte	31
5.2.1 Distância e o Transporte Público	38
5.3 Produção e Criação: Viver da Arte	42
6. Considerações Finais	48
Referências	51
Apêndice	54

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Pintura Rupestre.....	16
Figura 2: Pintura em vaso de argila com representação de movimentos.....	17
Figura 3: Mapa Regional do Brasil.....	26
Figura 4: Pirâmide de Maslow.....	27
Figura 5: Mural de grafite na Av. 23 de Maio, feito pelos Gêmeos.....	44
Figura 6: Prefeitura de São Paulo apagando grafites na Av. 23 de Maio.....	45
Figura 7: Resposta ao prefeito.....	46
Figura 8: Resposta dos Gêmeos ao prefeito.....	46

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Faixa etária dos participantes.....	21
Gráfico 2: Gênero.....	22
Gráfico 3: Grau de Escolaridade.....	23
Gráfico 4: Custo da Cesta Básica.....	25
Gráfico 5: Renda Familiar.....	29
Gráfico 6: Consumidor de Arte.....	32
Gráfico 7: Critério Financeiro para Consumo da Arte.....	35
Gráfico 8: O que encontrar ao consumir Arte.....	40
Gráfico 9: Proximidade a Arte.....	41
Gráfico 10: Viver da Própria Arte.....	42
Gráfico 11: O fazer artístico e a relação com o espaço.....	44
Gráfico 12: Relação do artista/participante com o feedback do público.....	47

TABELA

Tabela 1: Preço do Gás-na Petrobrás e revenda no Comércio.....	30
--	----



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
DEPARTAMENTO DE ARTES E HUMANIDADES
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**

Campus Universitário – Viçosa, MG – 36570-900 – Telefone: (31) 3612 7300 - E-mail: dah@ufv.br

Assinatura da Banca Examinadora na Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Lorena Crepaldi Leitão Dias, matrícula 89722.

Título: Reflexão sobre o processo de acessibilidade/popularização e elitização da Arte.

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Evanize Romarco'.

Professora Evanize Kelli Siviero Romarco (Orientadora) - DAH – UFV

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Andréa Bergallo Snizek'.

Professora Andréa Bergallo Snizek - DAH – UFV

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Elen Machado Tavares'.

Professora Elen Machado Tavares

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Fausto Martinis Geantomasse'.

Fausto Martinis Geantomasse

Viçosa, 18 de outubro de 2021.

Agradecimentos

Agradeço profundamente a minha família, Luciana Crepaldi Leitão, Luzia Elza Crepaldi Leitão, Maria Elvira Martins Benito Crepaldi, Alencar Fernando Dias, Dirceu Dias, Mara Dias, Aline Dias Ahmed e Hazem Ahmed que das mais variadas formas me ajudaram a ter as condições ideais para poder escrever esse trabalho.

Sou grata também ao meu companheiro Jonathan Santos Silva e meus amigos Michael Lázaro Pedrozo da Silva, Gustavo Pavani, Lais Barros, Letícia Victorelli, Bruna Vieira Gomes, Júlia Andrade, Louise Castor King, João Inácio, Vítor Villaça Borelli, Augusto Cesar Vieira Dutra, Breno Henrique Sales Guimarães, Lucas Mansilha, Shara Narde, Natan Flauzino, Natália Gregório Fonseca, Daniel Cruciol, Mariana Furlani, Tadeu Victor Aguiar Domingos, Alexandre Lopes, Ricardo Vieira de Paula, que me muniram de apoio, força e felicidade e inúmeras vezes me inspiraram a escrever e deram sentido a pesquisa.

Sou grata aos movimentos sociais e organizações dos quais fiz parte durante a minha graduação, sendo eles o Movimento de Mulheres Olga Benário, Movimento Correnteza, União da Juventude e Rebelião, Diretório Acadêmico e Diretório Central dos Estudantes. Foi a partir desses movimentos que pude ver a necessidade de se debater assuntos sociais e buscar em todas as minhas ações, a humanidade e meios de acabar com as desigualdades sociais, entre esses meios, a pesquisa e a ciência em Arte.

Não poderia deixar de citar minhas inspirações profissionais, minhas professoras da faculdade, um grupo de mulheres pesquisadoras, que mesmo em áreas distintas, contribuíram para a minha formação e a escrita deste trabalho. São elas a Dra. Christina Gontijo Fornaciari, Dra. Laura Pronsato, Dra. Juliana Carvalho Franco da Silveira, Dra. Dóris Dornelles de Almeida, Dra. Andréa Bergallo Snizek, Dra. Evanize Kelli Siviero Romarco e Bianca Christian Sales.

E gostaria de fazer um agradecimento específico à Dra. Evanize Kelli Siviero Romarco, que além de professora também foi minha orientadora, a Dra. Andréa Bergallo Snizek que aceitou o convite para compor a banca deste trabalho, ao psicólogo e mestre Fausto Geantomasse, que apesar de estar em outro Estado contribuiu profundamente com o debate e também aceitou o convite para compor a banca, e a professora Elen Machado Tavares professora do departamento de educação que contribuiu imensamente para a formação crítica dessa pesquisa e concordou em ser nossa suplente.

Dedicatória

Dedico a todos os que amam a Arte e o corpo e que acreditam numa sociedade livre de desigualdades.

“Quem não se movimenta não sente as correntes que o prendem”

-Rosa Luxemburgo

Resumo

Essa pesquisa buscou refletir sobre os processos que envolvem a acessibilidade e a popularização da Arte em suas diferentes esferas e contextos sociais, tendo como foco investigar quais são os motivos que afastam e aproximam as pessoas da Arte. Com isso acarretou também por questionar o papel dos artistas nesse processo e as reflexões acerca de suas obras. Outro eixo desta pesquisa visou identificar as políticas públicas que atuam nessa perspectiva da democratização da Arte a fim de compartilhar esse saber e tornar essa questão consciente, servindo também como base para cobrar por iniciativas públicas quando necessário. E como consequência dessa relação entre os pontos principais, essa pesquisa teve como objetivo, verificar se existe um diálogo entre criação, produção e fruição entre as partes, criador, público e estado atuante. A partir da coleta dos dados feita através do formulário online, foram analisadas as respostas e formuladas reflexões sobre a relação entre o contexto social e a perspectiva individual de cada colaborador acerca da problemática pesquisada. Os dados foram analisados quanti-qualitativamente. Nossos resultados, em paralelo ao levantamento de dados, foram elucidativos e alcançamos os nossos objetivos. Dessa forma compreendemos o princípio dos motivos responsáveis por distanciar o público da Arte, como por exemplo o distanciamento geográfico dos grandes centros, as desigualdades sociais e a necessidade por suprir prioridades básicas, como alimentação e moradia. e os elementos que facilitam o público a ela, como facilidades de transporte, renda e moradia. E com isso encontramos os caminhos para solucionar essa questão através da cobrança de políticas públicas. Refletimos sobre os processos do fazer artístico e percebemos como se dá a criação através da perspectiva do artista.

Palavras-Chaves: popularização; elitização; Arte; linguagem; comunicação.

1. Introdução

Desde que tive os meus primeiros contatos com a dança, na infância, passei a conhecer a Arte e de acordo com a minha proximidade e amadurecendo fui refletindo a respeito das minhas ações nesse universo artístico, de ver a Arte como uma forma de se expressar sobre o mundo, sobre o meu contexto nesse mundo, e assim, perceber como cada artista tratava de diferentes assuntos, espelhando diferentes contextos ao dançar.

Por meio dessas observações e experiências pessoais, as minhas escolhas foram se tornando cada vez mais profundas até que ingressei no curso de dança da Universidade Federal de Viçosa-MG e no decorrer da graduação me envolvi em diversos projetos sociais, os quais me trouxeram um olhar político, social e sensível para a Arte. Por esse prisma desejei transformar todas as minhas produções artísticas, visando uma maior acessibilidade dessas novas criações, desde observar a compreensão da obra até mergulhar na relação que o espectador desenvolve com o artista. Ou seja, não apenas mudando o meu comportamento de forma individual, mas buscando transformar a realidade coletiva através do que produzia em cena e do que produzia como ciência.

Permeando por este caminho da acessibilidade/democratização da dança verifiquei que era um tema pouco estudado na literatura e que me interessava, principalmente em relação ao crescente processo de elitização de alguns estilos de dança e marginalização de outras, mas também da Arte de forma geral.

Nesse contexto, Florestan Fernandes (2003) aponta uma importante reflexão quando diz que as elites se interessam pelo produto que a cultura popular cria, porém que não simpatiza nem um pouco com o povo que a produz.

Parte dos meus questionamentos vão ao encontro do pensamento do autor citado acima, a fim de tornar a Arte mais democrática. E por mais que esse seja um objetivo específico, as problemáticas surgiram, pois como artista e pesquisadora, tive a ânsia de entender os motivos de aproximação e afastamento da Arte, dos participantes da pesquisa, com o intuito de gerar uma maior reflexão do fazer artístico. Assim, esta pesquisa buscou investigar os porquês da acessibilidade ou não da Arte, para, a partir dos resultados obtidos, refletir e pensar formas de como acessá-la em seus mais variados contextos.

A diversidade cultural coloca em pauta a questão da democratização cultural. Um processo contínuo de democratização cultural deve estar baseado em uma visão de cultura como força social de interesse coletivo, que não pode ficar dependente das disposições do mercado. Numa democracia participativa a cultura deve ser encarada como expressão de cidadania, um dos objetivos de governo deve ser, então, o da promoção das formas culturais de todos os

grupos sociais, segundo as necessidades e desejos de cada um, procurando incentivar a participação popular no processo de criação cultural, promovendo modos de autogestão das iniciativas culturais. A cidadania democrática e cultural contribui para a superação de desigualdades, para o reconhecimento das diferenças reais existentes entre os sujeitos em suas dimensões social e cultural. Ao valorizar as múltiplas práticas e demandas culturais, o Estado está permitindo a expressão da diversidade cultural. (CALABRE, 2007. p.102)

Nesse momento vocês devem estar se perguntando sobre qual é a necessidade de uma pesquisa como essa, e qual seria o seu alcance. Então gostaria de defender que informação é ferramenta de ação! Quando compreendemos o nosso contexto, nossa inserção social, podemos a partir daí, construir uma nova realidade que contemple o que acreditamos, por meio da informação adquirida e das nossas experiências.

Desde sempre as descobertas científicas transformaram a nossa maneira de ver o mundo, assim como o mundo é a força motriz das nossas pesquisas. Todas as nossas descobertas e postulações foram avançando e transformando as percepções à nossa volta. A ciência se concretiza então, como esse processo contínuo e mutável a cada nova descoberta, a cada nova hipótese.

Assim a partir deste ponto passarei, juntamente com minha orientadora e demais autores que subsidiaram este estudo a retirar o “eu” e inserir o “nós”, pois acreditamos na ciência como parte fundamental e formadora do nosso contexto, e por consequência, formadora de nós indivíduos.

Pensando sobre esse processo transformador que a ciência produz é que este presente estudo se baseia:

- a) em refletir e discorrer sobre a acessibilidade da Arte;
- b) na aproximação e afastamento da mesma, analisando os múltiplos fatores que possam surgir;
- c) na tentativa de torná-la cada vez mais popular e participativa, servindo como ponto de partida para que toda a sociedade se sinta capaz de produzir Arte.

Por ter a prerrogativa de retirar a Arte do pedestal contemplativo e colocá-la nas mãos do espectador, essa pesquisa se torna eficaz por querer identificar os fatores de aproximação e afastamento entre público/obra. De verificar a importância de um maior diálogo entre criação, produção e fruição entre as partes e assim provocar a criação de políticas públicas em Artes, bem como instigar, também, os artistas que já são criadores e questioná-los sobre o que eles têm criado e para quem.

Acreditamos que a faculdade pública tem um compromisso social a ser cumprido, que as pesquisas que desenvolvemos devem ter responsabilidade para com os cidadãos, assim como

servir a população, principalmente por termos na Instituição um curso de dança e este estudo poderá cumprir um papel social ao propor refletir uma Arte plural e popular.

Desta forma acreditamos que esse trabalho fará com que futuros profissionais da área e seu público, possam pensar sobre a acessibilidade e ações sociais políticas e democráticas da Arte, nos dias atuais.

Como cita Calabre (2007, p. 106)

A função da elaboração de políticas públicas na área de cultura deve ser a de garantir plenas condições de desenvolvimento da mesma. O Estado não deve ser um produtor de cultura, mas pode e deve ter a função de democratizar as áreas de produção, distribuição e consumo. Cultura é fator de desenvolvimento.

2.Objetivos

Este estudo tem como objetivos:

2.1 Objetivo Geral

Refletir sobre o processo de acessibilidade/popularização e elitização Arte.

2.2 Objetivos Específicos

- a) analisar quais os fatores sociodemográficos que contribuem para a aproximação e para o distanciamento do público/apreciador da Arte.
- b) analisar sobre o que os artistas refletem a respeito de suas obras, o que eles têm criado e para quem;
- c) verificar se há diálogo entre criação, produção e fruição entre as parte criador/público

3. Revisão da Literatura

“O corpo diz o que as palavras não podem dizer”
Martha Graham (1993, p.8)

Nessa pesquisa vamos discorrer acerca de diversos elementos sobre o corpo, linguagem, expressão corporal, comunicação e a Arte. Com isso, gostaríamos de pedir para que você leia o texto de forma a colocar o seu próprio corpo como protagonista das situações citadas. A sugestão é que o leitor faça um trabalho de consciência corporal e auto-observação contínua durante a leitura, refletindo sobre o próprio agir em estado de presença.

Primeiro, vamos entender que elementos do corpo são esses, estimulando a percepção do leitor, e mostrando que ele possui o necessário para se expressar livremente. Além disso, queremos conscientizá-lo que existem diversas formas de linguagem, que podem ser utilizadas de maneira lúcida e não apenas como reprodução de um comportamento previamente aprendido, tendencioso e cultural, dos nossos hábitos mais frequentes.

Nesse contexto, vamos fazer uma rápida introdução histórica sobre a evolução do corpo, dada a necessidade da comunicação e mostrar como as manifestações artísticas começaram a surgir e serem identificadas como extra cotidianas.

No decorrer do texto, também vamos encontrar uma análise crítica acerca da realidade brasileira e a relação das pessoas com a Arte. Vamos entender melhor as condições de acesso à produção artística, constitucionalmente, e o papel do Estado como responsável por diversas ações no cenário cultural. Vamos refletir ainda, sobre os elementos de aproximação e de distanciamento da Arte em relação a seu público no Brasil. Com isso teremos informações fundamentais para compreender a nossa própria realidade e consciência de classe, para então sabermos quais são os canais que precisam ser cobrados. Dessa maneira, tornar a Arte mais acessível, democrática e popular, de forma que além de um direito, ela seja vista e entendida como uma possibilidade de todos!

Em síntese, observamos que há um padrão de comportamento que expressa a necessidade das pessoas em introduzir a Arte na própria vida, mesmo em contextos muito desprivilegiados. Fica claro, por razões a serem discutidas, que a ausência de política de acesso à Arte atrapalha, mas não impede que as pessoas se reinventem e criem formas de se manifestarem artisticamente. Assim, elas encontram na própria realidade, um escape na Arte como uma linguagem expressiva e potencializadora de suas marcas na sociedade.

3.1 O Corpo: comunicação/linguagem

A história da humanidade é também a história do corpo. Temos em nós um registro histórico vasto de detalhes que compõem o todo. Segundo Barbosa, Matos e Costa (2011, p.24): “A história do corpo humano é a história da civilização. Cada sociedade, cada cultura age sobre o corpo determinando-o, constrói as particularidades do seu corpo, enfatizando determinados atributos em detrimento de outros, cria os seus próprios padrões.”

Nosso corpo não foi sempre assim, precisou de todos os anos da história da raça humana para que ele se transformasse ao que é hoje. Existem infinitos parâmetros quando escolhemos falar sobre o corpo. Podemos analisá-lo pela constituição fisiológica, pela perspectiva da construção educacional, social, política e econômica. Podemos investigar apenas uma parte, como por exemplo o movimento, e ainda assim termos profundidade no conteúdo.

O corpo sendo o resultado dessas linhas de análise, tem nele próprio, a influência de todos os fatores. Assim como as margens físicas do corpo nos colocam possibilidades e limitações, moldando o nosso comportamento, expressão e movimento, também temos os elementos do contexto educacional, social, político e econômico, interferindo mútua e continuamente nele. Chegamos nessa postura ereta que conhecemos por conta das necessidades do nosso meio, que nos fez adaptar sempre às novas circunstâncias. E se esse corpo não se transforma com as novas condições, acaba por ser extinto por não conseguir sobreviver às situações impostas. É assim que acontece a seleção natural das espécies como explicou Darwin¹, e foi assim que chegamos nesse lugar que estamos hoje, com essa configuração e não qualquer outra.

Eis um peludo homem das cavernas percebendo um fruto vermelho, maduro, destacando-se vivamente da escura folhagem do fundo! Ou o sangue brotando vermelho de uma ferida! Ou o rubro fogo ameaçador, alastrando-se no capinzal seco! Em linguagem da teoria de comunicação, ele percebeu um ‘sinal’ destacando-se como mensagem prioritária sobre o ‘ruído de fundo’. Algo com elevada ‘taxa de originalidade’ em detrimento do fundo ‘banal’, dado o seu interesse pessoal (sobrevivência em jogo). Da mera cor passou a ser símbolo de algo importante. E, milhões de anos mais tarde, esta cor ainda exige, em certas circunstâncias, a nossa atenção e feedback específicos. (WEIL, 2015, p.26)

¹ Charles Darwin foi o cientista naturalista responsável por postular a “Teoria da Evolução das Espécies” que é, até os dias de hoje, atual e fundamental para a compreensão da evolução do mundo, do passado ao presente. (BIZZO, 1991)

Entendendo que o nosso contexto social é capaz de nos transformar, numa perspectiva do coletivo para o indivíduo, podemos pensar que somos um apanhado histórico de diversos eventos. E é essa construção social que é o nosso corpo! A sua trajetória perpassa pelo nosso nascimento, mas se inicia muito antes disso, com a construção desse corpo que conhecemos, não só em seus aspectos físicos, mas também culturais e sociais.

Do mesmo jeito que no passado essas condições e necessidades geraram a busca pela adaptação, também nos dias atuais, as pessoas são impactadas por questões que implicam na existência ou sobrevivência delas. Essa procura por solucionar os problemas, contornar condições de perigo e encontrar segurança, transformar as matérias do espaço ou do meio em que se encontra, Engels (1999) denominou como trabalho. A partir dessa denominação, ele faz uma análise do desenvolvimento do corpo exigido para o/no trabalho.

Friedrich Engels (1999) discorre sobre o papel do corpo no Trabalho, construção/origem, entendendo trabalho, não como o laboro assalariado dos modelos atuais, mas enquanto afazeres da sobrevivência e ocupações para sanar necessidades do período.

O trabalho é a fonte de toda a riqueza, afirmam os economistas. Assim é, com efeito, ao lado da natureza, encarregada de fornecer os materiais que ele converte em riqueza. O trabalho porém é muitíssimo mais do que isso. É a condição básica e fundamental de toda a vida humana. E em tal grau que, até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem. (ENGELS, 1999, p.4)

Compreendendo a trajetória da formação e desenvolvimento desse corpo que temos hoje, podemos refletir sobre o que está em desenvolvimento simultaneamente com as características posturais e físicas desse corpo.

Então, prosseguindo com esse acordo que estabelecemos no início do texto, convido você leitor a se observar nesse momento. Pelo pouco que vimos até aqui, podemos concluir que o corpo é um labirinto infinito de possibilidades e de matéria de pesquisa. Muitos elementos se desenvolvem junto com a matéria física desse corpo, pois ele está a todo momento interrelacionado, conectado e interdependente, como uma rede. Logo, é possível afirmar que ao longo do tempo, vários fatores subjetivos moldaram características fundamentais do corpo humano como a morfologia, fazendo-nos adaptar às possibilidades e limitações do que somos “nós”. Entre esses muitos fatores, um elemento muito importante foi a comunicação para a nossa sobrevivência. Essa comunicação se desenvolveu ao mesmo tempo com o nosso corpo físico, assim como a assimilação de novas linguagens, como a dança, pelo público, compondo como Reis (2015, p. 325) nos coloca “ [...] um novo conjunto linguístico”, pelos artífices

modernos e suas percepções e expressões culturais entrelaçadas com as comunicações oral e corporal da época.

Todavia, antes de qualquer ideia ou linguagem ser organizada, formada e transmitida, ela perpassa por um campo perceptivo pouco observado que abrange toda a parte compreensiva da mensagem a partir de elementos subjetivos, intrínsecos na expressão, no corpo, que são fundamentais para conectar os aspectos da mensagem transmitida.

Portanto, todos os inúmeros detalhes que compõem as formas de como pensamos, agimos, falamos e somos, vem do nosso entendimento de percepção no mundo. É essa parte sensitiva, pouco valorizada, que é fundamental no nosso processo de formação, considerando nosso “pacote de características” (grifo nosso), como gostos e desgostos. Elementos esses, que são a origem das coisas que pensamos para fazer nossas escolhas, e entendendo que é a partir dessas escolhas, conscientes e inconscientes, que chegamos exatamente nesse lugar e não em qualquer outro.

É necessário compreender como “percepção de mundo” (grifo nosso) as ligações presentes nela, como diz Merleau-Ponty (1994) em sua obra *Fenomenologia da Percepção*, o elemento tácito se cria nas relações interpessoais e nas múltiplas conexões que somos capazes de fazer ao conviver no mundo. A percepção pode não ser explícita, como uma palavra verbalizada, ela se encontra num gesto, na linguagem corporal, está nas entrelinhas, mas sem ela, a comunicação é incompreensível.

A expressão, portanto, é nada mais nada menos, do que o nosso corpo interpretando e externalizando essa porção de elementos do campo da percepção. Através de uma análise biológica, fisiológica do corpo, essas percepções chegam ao organismo como estímulos, logo em sequência esse corpo é capaz de enviar as respostas referentes aos estímulos. E com isso, de forma gradual e mutuamente, chegamos aos poucos na comunicação e na linguagem. (MERLEAU-PONTY, 1984)

Desde criança é comum ouvirmos que quando existiam outros povos, tomando como ponto de partida o que conhecemos por *Homo Sapiens*, a vida era diferente e havia um outro modelo de organização social, de comunicação e de linguagem, distinto desse elaborado e complexo sistema que temos hoje. Esse ponto não suprime outras formas de comunicação diferentes da linguagem oralizada e verbalizada, pois existem registros de pinturas rupestres, por exemplo, que também se enquadram em outras formas de se comunicar, muito antes dos *Homo Sapiens*, mas vamos partir do início da nossa própria espécie.

Não é necessário fazer uma comparação tão distante para perceber como os hábitos estão sempre se transformando, e mesmo que os costumes culturais e as tradições permaneçam

por longos anos, elas também mudam inevitavelmente. A vida está em constante movimento, desequilíbrio, tendo intrinsecamente nela, muitas nuances e instabilidades, gerando uma ansiedade que nos move em busca de segurança e preservação da realidade que conhecemos. Porém em contrapartida, esse apego conservador é, mais cedo ou mais tarde tomado por novas reflexões e questionamentos, que aos poucos movem a sociedade como um todo de lugar, sendo impossível parar esse ciclo natural de metamorfose humana.

Mesmo assim, os Homo Sapiens conseguiram se comunicar, se apropriando de outros meios, como por exemplo de desenhos, gestos, sons e sinais, que aos poucos foram se transformando em códigos. Essas ferramentas de comunicação conseqüentemente se repetiam num padrão, com a finalidade de alcançar o objetivo principal: transmitir aquilo que queria ser dito.

No princípio havia somente o silêncio. Depois, surgiram os ruídos do entendimento entre os homens: a linguagem. Por isso, o estudo da capacidade inata humana da linguagem é de interesse muito antigo, sendo notáveis as inúmeras propostas de definições acerca da mesma.” (FERREIRA, 2010, p.17)

Representando o ápice de uma grande pirâmide evolutiva, a linguagem surge nos primatas superiores, particularmente nos hominídeos, como resultado de extensa rede de modificações e experimentações funcionais testadas pela natureza ao longo de milênios (FERREIRA; SANTOS; SILVA, 2000, p.2).

Além disso, também podemos perceber como essa comunicação vai se adaptando de acordo com o contexto do momento, tanto histórico, quanto físico, geográfico, social, político e econômico, entre outros. O formato de linguagem existente enquanto os povos eram nômades, com certeza se modifica a partir do momento em que criam uma outra relação com a terra e território.

No que tange à evolução linguística dos primatas superiores, é possível afirmar, de forma bastante simplificada, que os primórdios da formação da linguagem encontram-se associados à vida nas árvores. Num primeiro momento, citam-se as adaptações necessárias à vida no ambiente arborícola. Em seguida, ressaltam-se as modificações que se seguem ao abandono das árvores pelo primata, sua progressiva adaptação ao solo e o desenvolvimento de uma postura bípede. A vida nas árvores exigiu da natureza soluções revolucionárias para novos problemas, ligados à gravidade e ao espaço tridimensional. As necessidades de se adequar a estas questões refletiram-se em importantes medidas adaptativas geradoras de modificações anatómicas notáveis, que permitiriam, no futuro, o surgimento da linguagem.(FERREIRA, SANTOS; SILVA, 2000, p.2)

Com isso também conseguimos notar que todo o corpo se transforma a partir das mudanças e necessidades (interna e externa). Portanto, se antes era necessário se manter em

constante movimento em busca de alimento e proteção para sobreviver, a partir da descoberta da plantação, os códigos se transformam, mudando a conduta de vida daquelas comunidades e conseqüentemente, todas as associações à sua volta ganham novos significados. Temos que pensar que mesmo que esse processo de construção da linguagem tenha começado há muitos anos, ele está em constante transformação e será assim infinitamente. Não é à toa que estamos a todo instante atribuindo camadas e camadas de significados às coisas já existentes, ressignificando-as, bem como é importante notar que o nosso contexto social também é puro movimento, não podendo ser visto como uma coisa estática. Portanto esse processo evolutivo acontece ao mesmo tempo nos campos físico e psicológico, nunca de forma isolada, mas sim em todas as células do corpo humano, nas relações sociais, na linguagem e em tudo o que fazemos.

[...] os homens em formação chegaram a um ponto em que tiveram necessidade de dizer algo uns aos outros. A necessidade criou o órgão: a laringe pouco desenvolvida do macaco foi-se transformando, lenta mas firmemente, mediante modulações que produziam por sua vez modulações mais perfeitas, enquanto os órgãos da boca aprendiam pouco a pouco a pronunciar um som articulado após outro. (ENGELS, 1999, p.10)

São pelas mais variadas necessidades que desde sempre, nós, seres humanos, buscamos nos comunicar e para alcançar esse objetivo muitas vezes recorremos ao corpo como um caminho de transformação do nosso pensamento (matéria bruta), em algo compreensível (polido) para estabelecer um diálogo. Nesse ponto ainda não estamos falando de Arte em si, apenas estabelecendo uma comunicação mínima de fala, escuta e uma possível resposta.

Ao longo das nossas tentativas de nos comunicar, fomos aos poucos desenvolvendo modos variados de nos expressar, através do nosso corpo, de sinais, desenhos, ruídos, palavras oralizadas ou escritas e assim por diante. Mas em algum momento da nossa evolução, passamos a investigar a potência desse corpo e descobrimos outros caminhos para alcançar a comunicação. Só que esse objetivo de nos fazer entender não se caracterizou como um alerta imediato que necessitava ser dito para que algo importante acontecesse, mas retratava o cotidiano, os costumes culturais, as práticas de alimentação, de caça ou organização estrutural da divisão social do trabalho. E conseqüentemente tendo infinitas possíveis origens, a Arte, assim como aconteceu com a linguagem, também foi sendo naturalmente descoberta e desenvolvida como manifestação cultural e artística.

Por mais que tenhamos mais simpatia pela comunicação verbal, reduzir todo o espectro da comunicação a essa parte do corpo, é de fato mais limitante do que libertador. A redução da expressividade e a falta de possibilidades para interpretar significados diferentes é suprimir as

infinitas possibilidades que tem todo o restante do corpo, assim como fazíamos com muito mais proximidade antes da verbalização das palavras. (KRISTEVA, 1969)

É sempre muito difícil pensar na origem e nos motivos do surgimento da sociedade e de como chegamos a esse lugar que conhecemos. Acerca da Arte, hoje em dia, ainda existem muitas discordâncias sobre o que ela é em si. Existe inclusive, uma discussão importante sobre se devemos fazer ou não uma delimitação do que se enquadra na Arte. Pois vamos refletir juntos: quais parâmetros seriam necessários para definir ou categorizar o que é ou não Arte, de forma que isso não impossibilite criações que ainda não conhecemos? Uma das frentes dessa discussão defende que ao definirmos a Arte podemos correr o risco de excluir expressões artísticas não tão convencionais, portanto é necessário refletir sobre até que ponto essas denominações limitam ou libertam o artista. Por esse entendimento ainda ser dividido, temos dificuldade em olhar para o passado, escolher um evento e dizer, isso é Arte ou se enquadra em outra categoria, portanto delimitar é puramente didático, mas não necessariamente preciso e verdadeiro historicamente. Nós pesquisadores fazemos esse papel de investigadores e a nossa fonte de pesquisa é pautada nos registros históricos, como podemos ver pela Figura 1, representando os homens festejando e dançando.

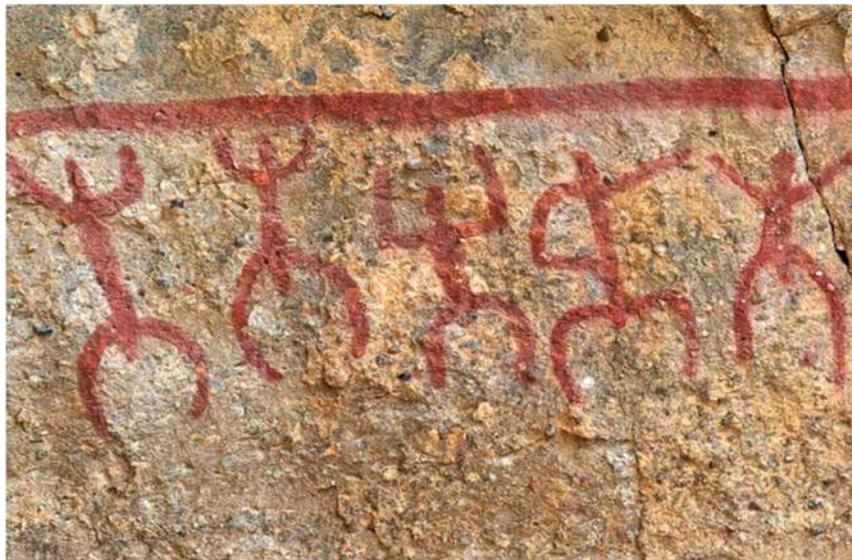


Figura 1: Pintura Rupestre²

Porém infelizmente nem tudo foi registrado e temos que nos alimentar da limitada coleta de dados que existe, o que é compreensível, já que nós não vivemos todos os momentos da

²Pintura Rupestre: AIDAR, Laura. O que é dança? Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/o-que-e-danca/>. Acesso em 05 Mar 2020.

nossa vida registrando todos os eventos que acontecem pensando na pesquisa de um futuro historiador.

Quando estudamos as origens das mais variadas civilizações pelo mundo, nos deparamos com as descobertas de costumes diferentes, hábitos, rituais. Aqui no Brasil temos nossa ancestralidade marcada pela história do povo indígena, e de acordo com o livro “O povo Brasileiro” de Darcy Ribeiro (2014) antes da colonização portuguesa e do seu processo imperialista, não existia uma divisão por trás da compreensão do que é Arte e do que é trabalho. Em vez de categorias distintas, os dois estavam num mesmo patamar de igualdade. Os rituais existiam, se dançava e se cantava, com objetivo religioso ou não, mas entendia-se por Arte, ações ligadas à linguagem, à sobrevivência e ao trabalho.

Porém, como citamos acima, a busca por estudar, registrar e documentar é de nós pesquisadores. Essa preocupação, obviamente, não existe por parte de quem vive o que está sendo estudado, por ser uma expressão natural da cultura e do cotidiano desses povos. Não existia a preocupação em documentar esses costumes. As necessidades eram emergentes e supridas conforme apareciam.

Muitas vezes desconhecemos porque os comportamentos da sociedade atual são como são. Mas se quisermos aprofundar um pouco nesse entendimento, precisamos levar em consideração que temos na nossa linha histórica períodos muito nebulosos, pois não existia a preocupação com um futuro distante e desconhecido. Não se via necessidade em registrar a vida para que alguém, muitos anos depois, compreendesse e tomasse nota, como parte da construção histórica da sociedade, da Arte e do corpo que temos hoje. Com isso a nossa história foi desenhada como uma colcha de retalhos, recolhendo elementos espontaneamente registrados e procurando encontrar padrões que nos levassem a entender o que essa civilização fazia, como se comportava, quais eram os hábitos alimentares, rotina e rituais que acreditavam. Nesse aspecto, como pode ser observado na figura 2 a dança como linguagem artística foi se destacando significativamente.

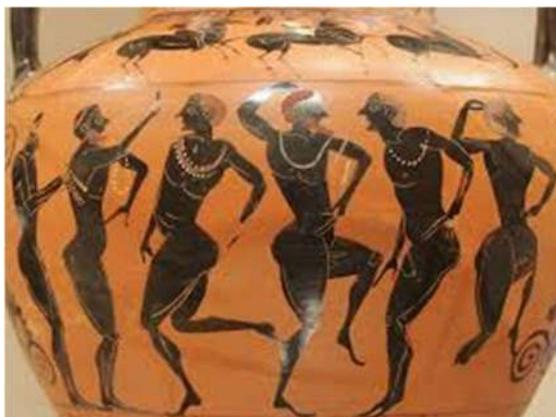


Figura 2: Pintura em vaso de argila com representações de movimentos³

As manifestações da linguagem são muitas (poesia, música, cinema, teatro, dança, pintura, etc.), porém o corpo humano pode e deve absorvê-las funcionando como uma espécie de canal para emitir as suas mensagens. E a Arte é o meio que mais abre caminhos para tanto, por isso acredito que o corpo na Dança é uma peculiar manifestação da linguagem. (FERREIRA, 2010, p. 11)

Para cada palavra que temos no nosso vocabulário existem infinitas conexões e associações que fazemos acerca da compreensão dessa palavra, que vai variar de acordo com o contexto (pessoal, social, histórico entre outros) e a trajetória da pessoa que está recebendo a informação. Assim como a partir de um texto nós podemos ter diversas interpretações, com o nosso corpo não é diferente: experimentamos a mesma amplitude de infinitas conexões. Ou seja, nem sempre o que queremos dizer em palavras ou por meio da expressão corporal, é entendido plenamente, pois o restante da comunicação acontece fora do controle do primeiro interlocutor. A compreensão e a resposta são um mistério. “Assim, a Dança, através de uma linguagem indeterminada e nem sempre rigorosamente codificada, possibilita múltiplas interpretações aos envolvidos, na qual se podem acrescentar sempre conteúdos novos à mensagem original.” (FERREIRA, SANTOS; SILVA, 2000, p.12)

A partir do que compreendemos por comunicação e linguagem, entendemos que esses elementos são indissociáveis do indivíduo como um todo. Para que exista a compreensão, é necessário que todo o corpo receba, processe e responda a mensagem desejada. A expressão corporal, portanto, permeia a ação involuntária do corpo em diálogo com o contexto e com o próprio corpo criando uma organização inconsciente de gestos e movimentos faciais e

³ Pintura em vaso de argila com representações de movimentos: CONTREIRAS, Leonardo. História da Dança Grega, Disponível em: [História da dança grega](#).. Acesso em 05 Mar 2020.

corporais, formulando uma resposta adequada ao que se sente com a mensagem e o que se transmite, de forma muitas vezes intrínseca. (MERLEAU-PONTY, 1984)

Assim, nos perguntamos: em qual momento essas variadas formas de expressão precisaram ser reconhecidas no campo da Arte? Em qual circunstância a sociedade percebeu que esse grupo de ações e movimentações eram extra cotidianas, que tinham um papel questionador, reflexivo sobre si mesmo e sobre a própria realidade? Em qual momento criou-se a necessidade de categorizar esses eventos que passaram a ser percebidos como um outro campo de existência humana?

3.2 O Surgimento da Arte

Com base nessa revisão de literatura podemos perceber como todos nós temos muito mais possibilidades de compreender o nosso corpo e trazer para o campo da lucidez, a presença protagonista de nós mesmos. Como consequência, de forma exponencial, tomamos consciência da realidade, desenvolvemos mais poder de escolha e deixamos de sentir a presença forte das nossas limitações físicas ou psíquicas. Isso gera uma capacidade ampliada de resiliência que contorna impossibilidades e cria outros caminhos.

Também percebemos com a leitura, que a linguagem verbal mesmo sendo a mais usual, é apenas parte de um todo muito mais complexo e completo do ser humano. Porém, a comunicação corporal como linguagem pode ser uma opção consciente, ressignificando o padrão oral involuntário e transformando-o em uma escolha, como mais uma das possibilidades existentes da expressão corporal, que são, por consequência, muito bem envolvidas/abarcadas pela Arte.

Enfim, o ato de refletir e ressignificar algo nos transforma de agentes passivos para ativos. Nos coloca como protagonistas da nossa própria vida e com poder de escolha sobre nós mesmos, por mais que a escolha seja manter algo como está. Por essa linha de raciocínio, concluímos que a comunicação corporal não é apenas uma linguagem de reprodução inconsciente de ações. Através de uma consciência significativa do uso de todas as possibilidades que existem na expressão corporal, podemos perceber que o corpo, o nosso meio social e a nossa sensibilidade nos permitem comunicar de maneiras diferentes, explorando múltiplas formas de expressões, como por exemplo, a da Arte em geral.

No entanto, temos a pressuposição de que a maioria dos indivíduos não consome Arte como poderiam ou gostariam. Que grande parte dessa responsabilidade pode ser pela

deficiência do Estado de não investir na área artística e/ou por outros aspectos que fazem com que o indivíduo não procure a Arte, como apreciadores e até mesmo como intérpretes.

Entendia Aristóteles que ao refletir a realidade atribuindo qualidades humanas aos personagens, ao contexto, enfim à totalidade da obra de Arte, o artista oferecia à polis a possibilidade de refletir sobre o seu ethos, isto é, seus valores, ideias e crenças, seja no sentido crítico (de ruptura) seja no sentido emancipatório. Assim convencido da função social da Arte, Aristóteles tomaria para si a dupla tarefa de, por um lado, levar o artista a reconhecer a importância da dimensão ética do que produzia, e, por outro, buscar um novo significado para a educação dos sentidos da sociedade mediante a politização da Arte. (REIS, 2015,p. 321)

4. Metodologia

Esta pesquisa é de natureza descritiva e exploratória, em razão de questionar e investigar aspectos pouco discutidos. Primeiramente foi feita uma revisão de literatura com bases de dados científicos on-line por meio das palavras-chaves: popularização/ elitização/ Arte/ linguagem e comunicação. Em um segundo momento devido a pandemia, reestruturamos o trabalho de conclusão de curso e substituímos a pesquisa de campo pela aplicação do formulário on-line pelo google forms disponibilizado em redes sociais da pesquisadora aos voluntários.

4.1. Participantes

Foram incluídos para a análise dos dados os participantes artistas e não artistas, sendo eles apreciadores e não apreciadores de Artes, sem distinção de gênero, escolaridade e raça, a partir dos 18 anos de idade.

Foram excluídos das análises dos dados os participantes menores de 18 anos, que não aceitaram o termo de consentimento livre esclarecido e/ou que preencheram o equivalente inferior a 60% do formulário. Desta forma participaram deste estudo 197 pessoas. Sendo 114 não artistas e 83 artistas.

4.2 Instrumento da Pesquisa

Quanto ao instrumento de pesquisa foi construído um questionário semiestruturado (APÊNDICE 1) com questões relacionadas aos aspectos sociais e demográficos, além de investigar as relações dos participantes com a Arte. Esse formulário foi distribuído pelo Google Forms e enviado via redes sociais (Instagram, facebook e email) da pesquisadora para seus contatos, com o intuito de descobrir os motivos do distanciamento e proximidade com a Arte. A partir da hipótese de que a acessibilidade à Arte está relacionada muito mais aos problemas sociais e econômicos do país, do que a falta de interesse da população pela Arte.

A escolha pelo questionário surgiu após o início da quarentena como um instrumento de pesquisa por ser um modelo que possibilita a relação mais próxima entre participante voluntário e pesquisador nesse contexto de pandemia em que o encontro físico não se tornou possível. Esta pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética da Universidade Federal de Viçosa-MG (no. do Protocolo CAAE: 40105220.0.0000.5153).

4.3.1 Questionário

O questionário possui no total 34 perguntas estruturadas. A divisão de públicos acontece a partir do momento em que o participante se reconhece ou não como artista:

- O público que se identificou como artista no decorrer do formulário foi direcionado para outro grupo específico de perguntas, tendo que responder um total de 34 perguntas (sendo 28 compartilhadas e 6 específicas para a categoria artista).
- O público que não se identificou como artistas não foi direcionado ao grupo específico de perguntas e sim para a conclusão do formulário, tendo que responder um total de 28 perguntas (sendo todas essas perguntas compartilhadas, não contendo qualquer pergunta de categoria específica).

4.4 Tratamento dos dados

Os dados foram tratados por meio da análise/interpretação do conteúdo, identificação de fatores que se repetem, análise dos dados com cada público alvo delimitado, busca de aspectos em comum e divergentes, por meio de uma análise quanti-qualitativa.

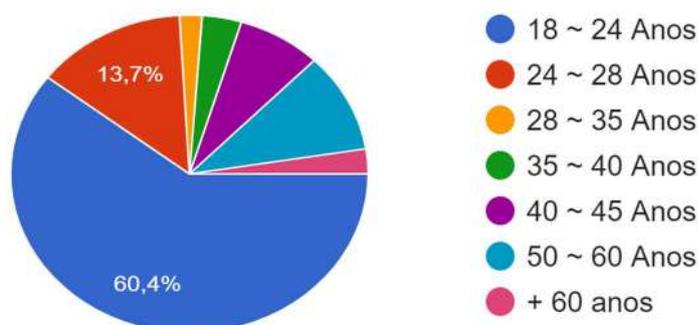
5. Análise e Discussão dos Resultados

Os dados que iremos analisar a partir foram divididos em 4 categorias:

- 1a. categoria: fizemos uma análise sobre os aspectos sociodemográficos dos participantes, com a finalidade de conhecer qual é o público que iremos analisar.
- 2a. categoria: apresenta dados sobre o nível de proximidade dos participantes com a Arte (acesso e consumo);
- 3a. categoria: ao momento em que os participantes disseram se considerarem artistas, com perguntas direcionadas às suas relações de trabalho, tanto sobre aspectos financeiros como aspectos de produção artística e reflexão sobre a relação com o público. Para esta categoria foram selecionados apenas os 83 participantes que se consideram artistas pelo questionário online.

5.1. Perfil Sociodemográfico

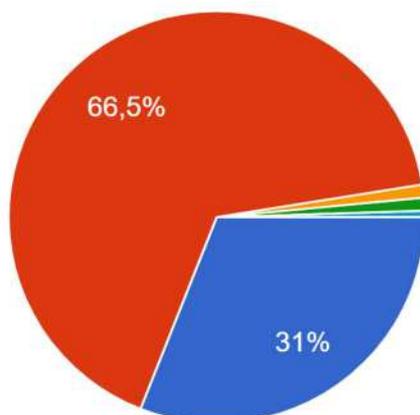
Gráfico 1: Faixa etária dos participantes



Fonte: do autor

Como pode ser observado pelo gráfico 1, a maior parte do público foi entre 18 a 24 anos, somando 60,4%. Já é possível supor alguns elementos para explicar essa maioria mais jovem, a familiaridade maior entre os mais jovens com a tecnologia, possibilitando um acesso prático para participar da pesquisa, por estarem entre a escola e a universidade. Seguidos pela segunda porção maior, com 13,7% dos participantes de 24 a 28 anos. Ao mesmo tempo em que conseguimos perceber um público de maior acesso dos 18 aos 28 anos, vemos no gráfico uma porção muito pequena de voluntários na média dos 30 aos 40 anos, podemos supor diversos fatores, como a inserção no mercado de trabalho tomar boa parte do horário desse público, além de ser uma idade em que uma parte significativa da população se encontra com famílias, às vezes filhos e outras ocupações em busca de estabilidade financeira e melhores condições de vida.

Já em contrapartida, a população de 45 anos e idosa começa a retomar o crescimento do gráfico, também podendo refletir um tempo maior disponível para participar de pesquisas como essa. Provavelmente um grupo de pessoas em sua maioria aposentadas e/ou com acesso a internet conseguindo participar da coleta de dados para contribuir com o estudo da Arte. Observamos que com todas as condições apresentadas ainda conseguimos atingir um público misto em idade, importante para abarcar diferentes perspectivas de tempo e desenvolvimento da Arte, com múltiplos parâmetros de comparação.

Gráfico 2: Gênero**Fonte: do autor**

Quanto ao gênero, a maior parte do público, demonstrado em vermelho foram das mulheres com 66,5%, em sequência temos o público referente aos Homens de 31% e em número menor temos o público não binário ou o público que não sabe ou não se sentiu confortável em responder, compondo 2,5%. Nesse aspecto podemos refletir sobre a questão de gênero impressa na Arte e o fato de ser vista como uma prática feminina, deixando às margens o público masculino.

O livro “As Relações entre os Sexos e a Luta de Classes” de Alexandra Kollontai de 1911⁴ explica os aspectos da divisão social do trabalho e da distinção feita entre os gêneros a partir da transformação da sociedade e do surgimento da propriedade privada, assim como também estudos recentes como de Sofia Ruiz (2018) sobre “Karl Marx e a Mulher” citado a seguir:

[...] para entender a história e a sociedade temos que entender as condições materiais da reprodução social; reconhecer que a subordinação social é um produto da história, cujas raízes se encontram na organização específica do trabalho, teve um efeito liberador para as mulheres já que permitiu desnaturalizar a divisão sexual do trabalho e as identidades construídas a partir dela, ao conceber as categorias de gênero não só como construções sociais, mas também como conceitos cujo conteúdo está em constante redefinição, que são imensamente móveis, abertos à mudança, e que sempre têm uma carga política; analisar a posição social da mulher sob o prisma da exploração capitalista do trabalho também deixa patente a continuidade da discriminação apoiada no gênero e aquela apoiada na raça, e nos permite transcender a política dos direitos que pressupõe a permanência da ordem social existente e não consegue fazer frente às forças sociais antagônicas que se interpõem no caminho da libertação das mulheres (RUIZ, 2018. p. 03)

⁴KOLLONTAI, Alexandra. As Relações entre os Sexos. Disponível em: [As Relações entre os Sexos e a Luta de Classes](#). Acesso em 16 set 2021.

Na dança também conseguimos observar essas divisões de papéis, conforme o tempo tem passado, o público masculino tem se inserido mais nessa prática artística, e com isso conseguimos observar impressa na dança os reflexos das divisões sociais dos papéis de gênero, por exemplo: No ballet temos a figura do homem forte sempre carregando a mulher, e em contrapartida temos a mulher evidenciada pelo homem sempre com esse aspecto vulnerável, frágil e puritano; Na dança de salão temos as divisões da condução, o homem é responsável por conduzir a dama, ele dita as movimentações enquanto a mulher o acompanha; Nas danças urbanas também temos essa representação do homem másculo, viril, com movimentações mais rígidas e que evidenciam a masculinidade contendo um número bem inferior de mulheres participantes.

Gráfico 3: Grau de Escolaridade



Fonte: do autor

Sobre o grau de escolaridade o formulário restringiu a participação a pessoas maiores de 18 anos, portanto esse gráfico mostra o grau de escolaridade de um adulto. Sua maior parte é composta por estudantes universitários que ainda não concluíram sua graduação ocupando 48,7% do gráfico, seguindo por pessoas formadas (20,3%) e em sequência por pessoas que concluíram o ensino médio com 17,8% e concluindo as maiores porções dos dados com os participantes que têm títulos superiores à graduação preenchendo 9,1% dos dados.

Em quantidade menos expressiva temos com 2% participantes maiores de 18 anos que se encontram com o ensino médio incompleto, 1,5% dos participantes maiores de idade com apenas o ensino fundamental completo e encerrando os dados quantitativos com uma parcela de 0,5% não alfabetizados.

Retomando nossos dados, até então temos um público composto majoritariamente por estudantes, mulheres entre 18 a 24 anos.

5.1.1 Renda Familiar

Antes de nos atentarmos aos dados sobre a renda familiar, gostaríamos de revisar a questão da compreensão por classes sociais. Vamos compreender o que é a classe média, quais são suas ambições, como ela se movimenta, como ela se configura e quem são esses trabalhadores.

No senso comum a classe média é aquela que não é muito rica (que se entende pela burguesia) e nem aquela muito pobre (o proletariado), portanto a classe média seria aquela que ocupa o meio. Segundo a Fundação Getúlio Vargas - FGV (2018), a margem que determina a classe A precisa ganhar no mínimo 11.600 reais, e a partir daí não existe um limite máximo, portanto se essa pessoa ganhar 11.601 ou 100.000, ou mais, pertence a classe A. Já a classe B tem um piso de 8.600 reais, com o limite de 11.600. Abaixo de 8.600 até 2.000 é o que se entende por classe C. Menos de 2.000 até 1.225 seria a classe D, menos disso seria a classe E, segundo a FGV (2018). Sendo assim, a classe B, C e D é o que definimos como classe média.

Agora vamos observar o salário-mínimo, em 2021 foi aprovada a medida provisória que definiu o salário-mínimo de 1.045 para 1.100. Sendo assim, os trabalhadores que recebem um salário-mínimo se encontram na classe E, que é delimitada com um teto de 1.225 reais por mês.

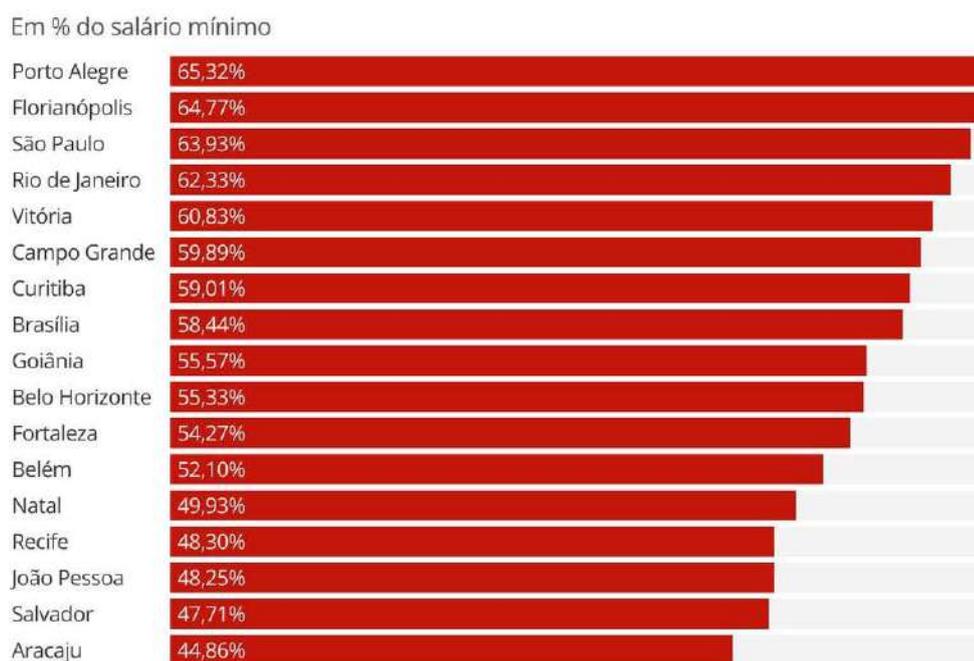
Agora vamos observar as diferenças entre as classes, e questionar. O trabalhador que recebe 1.225 reais por mês se encontra numa classe social privilegiada em comparação ao trabalhador que recebe 1.100 por mês? Ao ponto em que se encontra em outra classe social? Assim como quem ganha 8.500 e quem ganha 8.600 se encontram em classes diferentes, B e C. Nessa perspectiva, quem ganha 11.600 reais por mês e quem ganha 1 milhão tem a mesma posição social, defendem os mesmos interesses e têm as mesmas ambições, pois ambos pertencem a classe A.

Analisando ainda mais profundamente a nossa sociedade brasileira, precisamos considerar que o salário-mínimo não reflete a classe mais pobre do nosso país, tendo em vista que grande parte da população brasileira recebe menos que um salário-mínimo ou se encontra em desemprego. De acordo com o IBGE (2021), a metade mais pobre do país vive com 850 reais por mês, e 4,5 milhões de pessoas recebem ainda menos, 165 reais por mês, tendo em nosso país 14,8 milhões de pessoas em situação de desemprego em 2021.

Em contrapartida, em 2019 o 1% mais rico ganhou cerca de 28.959 reais por mês. Já no início de 2021 a renda média da população mais pobre do Brasil se agravou, atingindo a marca de 115,89 reais por mês, já os 10% mais ricos passaram a ganhar 42,3 vezes mais que a população mais pobre em comparação ao primeiro trimestre de 2020.

Foi feita uma matéria no G1, do dia 08 de Setembro de 2021⁵ que constata que uma cesta básica pode chegar a consumir até 65,32% dos ganhos mensais do trabalhador, tomando como base um salário mínimo. Em seguida temos um gráfico retirado dessa mesma matéria, resumindo a porcentagem que cada local precisa utilizar do salário mínimo, para uma cesta básica.

Gráfico 4: Custo da Cesta Básica



Fonte: Dieese (2021)

⁵ Por G1. Cesta básica já consome até 65% do salário-mínimo, mostra Dieese. Disponível em: [Cesta básica já consome até 65% do salário mínimo, mostra Dieese](#). Acesso em 16 set 2021.



Figura 3: Mapa Regional do Brasil⁶

A partir desse montante de dados do Gráfico 4 (referente a cesta básica) vocês podem estar se questionando, onde nós queremos chegar com isso? E ainda. Qual é a relação que isso tem com a Arte? Bom, vamos chegar lá!

O consumo de Arte não recebe esse nome por acaso, a palavra “consumo” (grifo nosso) implica em adquirir algo, seja um serviço ou um bem material, faz parte da economia de uma pessoa, uma família ou até mesmo do Estado, em busca de satisfazer alguma necessidade. Agora vamos compreender a palavra necessidade. Segundo Maslow⁷ (1954) A necessidade é aquilo que entendemos como algo que não se pode evitar, existe para definir aquilo que gera em nós uma insatisfação insuperável, precisando ser suprida para garantir a condição de existência.

Agora vamos compreender as necessidades de cada classe social. É possível que existam diferentes necessidades para as diferentes classes? Vamos dar uma olhadinha nessa Figura 4:

⁶ ESTUDO PRÁTICO . Disponível em: [Mapa do Brasil: Regiões, Estados e Capitais](#) . Acesso em 20 set 2021

⁷ Abraham Maslow, nascido em 1908, formado em direito, pós-graduado em psicologia e em 1930 concluiu seu bacharelado em Artes, tendo também mestrado e doutorado em psicologia.



Figura 4: Pirâmide de Maslow⁸

A Pirâmide de Maslow (1954) nada mais é do que o trabalho desse profissional que quis compreender como se organizavam as necessidades humanas em formato hierárquico. Vamos falar um pouquinho sobre o que representa cada uma, lembrando que: a necessidade e a condição para supri-la são questões diferentes, porém ambas necessárias.

A base da pirâmide são as necessidades fisiológicas. São aquelas que determinam a nossa existência e perpetuação da nossa espécie. Sem elas não sobrevivemos, são instintivas e inerentes, precisam ser supridas. Algumas são involuntárias, como respirar, sentir fome, sentir sono, sentir sede e já outras voluntárias como conseguir se alimentar, conseguir se hidratar, conseguir dormir. Voluntárias ou não, supridas ou não, elas são as necessidades básicas, a base da pirâmide de Maslow.

O segundo degrau dessa pirâmide é composto por necessidades de segurança, que envolvem sobretudo a ideia de propriedade privada e a garantia da proteção daquilo compreendido como pertencimento individual, sentimento de posse sobre bens ou sobre si próprio, envolvendo a segurança financeira, do próprio corpo, da casa e de bens materiais, financeiros, entre outros. Essas necessidades só se iniciam quando a primeira necessidade é minimamente suprida.

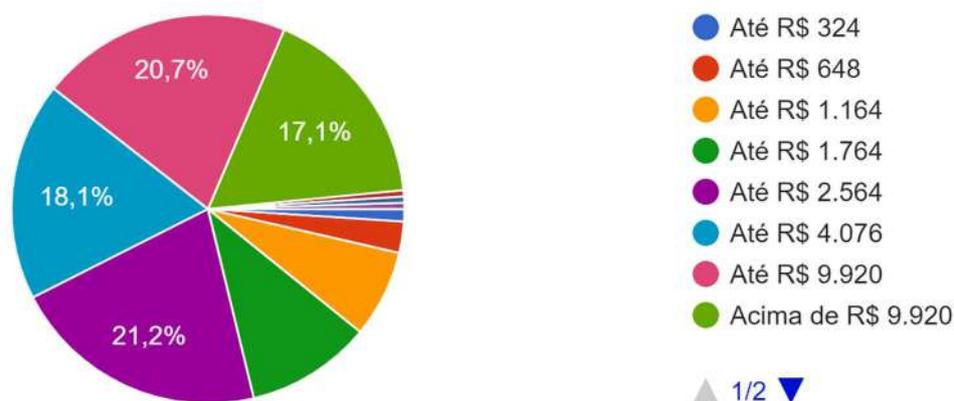
⁸ Pirâmide de Maslow : Disponível em: link da imagem:<https://i.ytimg.com/vi/4CQ8hikyOQM/maxresdefault.jpg> . Acesso em 20 set 2021

O terceiro degrau da pirâmide é descrito como necessidade social, que deve ser compreendido como as relações humanas, ou seja, nosso desejo de pertencer a determinados grupos, tanto de amizades, relações afetivas, amorosas, quanto grupo de estudos, esportes, algo que sintetize algum interesse em comum seu com outro grupo de pessoas, gerando um vínculo, seja familiar ou amistoso.

O quarto degrau agrupa aquilo que compreendemos por estima, que é para Maslow (1954) o autorreconhecimento, a valorização profissional, o respeito por si mesmo e pelo que se faz, as próprias criações e projetos desenvolvidos e valorizados por si próprio.

E por fim a autorrealização, sendo o topo da pirâmide. Este degrau propõe a pessoa a sempre querer ultrapassar seus limites e continuamente criar novas metas e objetivos para não cair nas insatisfações com o que já foi conquistado. Entretanto, para conseguir alcançar o topo da pirâmide é necessário que os degraus anteriores estejam minimamente cumpridos.

Aqui em nossa pesquisa temos um panorama positivo em comparação aos dados do Brasil, portanto o público dessa pesquisa não reflete a maioria da realidade em nosso país. A maioria dos nossos participantes recebe até 2.564, um pouco mais que dois salários mínimos como podemos ver no Gráfico 5.

Gráfico 5: Renda Familiar

Fonte: do autor

A segunda maior parte do gráfico 20,7% recebem até 9.920 que equivale a pouco mais que a soma de nove salários-mínimos. Em seguida temos com 18,1% o público que recebe até 4.076. Ainda compondo uma parcela muito expressiva no gráfico de 17,1% temos os participantes que recebem acima de 9.920. E por fim temos em quantidade menor, voluntários que recebem entre 324 a 1.164 reais.

É importante ter bastante cuidado ao observar os gráficos referentes a essa pesquisa sem generalizá-los à realidade brasileira. O público ao qual estamos analisando possui uma condição financeira privilegiada em comparação a maioria do país, portanto observe os dados de maneira consciente. Muitas das análises podem parecer otimistas, e para esse público ela realmente pode ser, mas o questionamento que devemos manter conosco durante o trabalho é: otimista para quem?

Vamos fazer um exercício de reflexão. Para ter o básico para sobreviver vamos limitar os custos essenciais de uma pessoa entre alimentação, gás, energia, água, aluguel, higiene básica (sem inserir gastos com roupas, vida social, transporte, médico, remédio, celular, internet, entre outros - A Arte).

Se olhássemos novamente para o Gráfico 4 e simularmos que nós ganhamos um salário-mínimo (R\$1.100) e que podemos gastar com uma cesta básica de 44,86% (Aracajú-Sergipe) até 65,32% (Porto Alegre-Rio Grande do Sul) de nosso salário (que equivale respectivamente a 493,46 reais na região Nordeste e 718,52 reais na região Sul). Podemos afirmar que restará de nosso salário-mínimo um valor entre R\$606,54 e R\$381,48, isso apenas subtraindo o valor referente a alimentação. Mas vamos continuar. Os gastos que limitamos como essenciais como vimos na pirâmide de Maslow (1954) ainda precisam ser supridos nessa conta mensal. Esse é um segundo momento para revisitar o mapa do Brasil (Figura 3) e comparar novamente os preços com as regiões.

Tabela 1: Preço do gás - na Petrobrás e Revenda no Comércio

GLP (R\$/13 kg)		
Estado	Contribuição Preço Petrobras na Revenda	Preço Médio Revenda ⁽¹⁾
AL	46,72	94,50
AM	46,23	100,39
BA	46,98	92,53
CE	47,29	101,41
ES	45,83	98,51
MA	47,29	99,68
MG	47,48	100,45
PA	47,00	103,48
PE	46,46	91,35
PR	47,05	101,29
RJ	45,49	88,97
RN	46,55	102,66
RS	47,69	98,27
SC	48,16	105,77
SP	47,13	97,41

(1) Preço médio de Revenda com base nos dados da ANP para a semana de 12/09/2021 a 18/09/2021.

Fonte: Nossas Atividades, 2021

Vamos observar a tabela 1 feita pela Petrobrás ⁹ com os preços do gás em 2021: na compra do gás (sem contabilizar o botijão) podemos gastar de 88,97 até 105,77. Mas vamos seguir a nossa análise com base na região que tem a cesta básica mais barata, representada pelo nordeste e a mais cara, representada pelo sul, para que nós consigamos obter um valor mais próximo possível do real entre o menor e o maior gasto possível ainda abarcando apenas a parcela de consumos necessários para a sobrevivência. Podemos observar que o menor valor referente ao nordeste quanto a Tabela 1 foi de R\$91,35 no Pernambuco, já o de maior valor referente ao sul foi de R\$105,77 em Santa Catarina.

Voltando a nossa conta de menos gastos, se no nordeste sobrou apenas R\$606,54 do salário mínimo, agora com a compra do gás nos restam apenas 515,19 reais para todos os outros elementos de sobrevivência. Já no sul, se tínhamos 381,48 reais, com a compra do gás de

⁹NOSSAS ATIVIDADES. Disponível em: https://petrobras.com.br/pt/nossas-atividades/precos-de-venda-de-combustiveis/index.htm?gclid=CjwKCAjwhaaKBhBcEiwA8acsHDjDqrb5c1inLHIJiLZy8r-55b90oI7m7b9DObPXM12Tb2bFap0ZSxoCKyIQAvD_BwE#glp. Acesso em 20 set 2021

R\$105,77 sobraram apenas 212,71 reais para suprir todas as outras necessidades básicas como energia, água, aluguel e higiene básica.

Vamos continuar esse mesmo raciocínio, mas agora pelo aluguel. Por um levantamento de dados feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹⁰, em sua pesquisa mais recente de orçamentos familiares dos anos 2017 e 2018 foi constatado que cada pessoa gasta em média 264,66 reais com aluguel no Brasil por mês. Com isso, vamos retornar a nossa conta. Para quem está no nordeste e pagou o aluguel de 264,66 reais, restaram R\$250,53. Já para quem é do sul e pagou o valor médio de aluguel, não sobrou nada, como ainda ficou com o saldo negativo de R\$51,95 R\$. Com esse saldo negativo, também, podemos pensar que de algum jeito essa pessoa está tentando sobreviver, e nesse momento caímos em outra estatística, o endividamento dos brasileiros, que de acordo com a reportagem do G1¹¹, a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo - CNC estamos batendo o recorde de 71,4% de endividados no Brasil em 2021. Não é necessário nos alongarmos muito para compreender como esse valor do salário-mínimo é surreal e não condiz com o mínimo necessário para a sobrevivência. Também é importante relembrar que existem 44,5 milhões¹² de pessoas que recebem menos que um salário-mínimo e 14,4 milhões¹³ de pessoas desempregadas procurando emprego no Brasil.

5.2 Acesso e Consumo a Arte

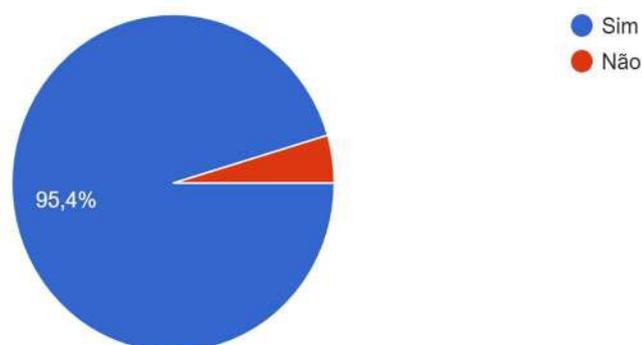
Nesta categoria iremos pontuar as condições de acesso e de consumo dos participantes da pesquisa e se tais fatos são responsáveis pela elitização e popularização da Arte.

¹⁰ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE): **Pesquisa de Orçamentos Familiares 2017-2019**. Rio de Janeiro, RJ. 2020 perfil das despesas no Brasil Indicadores selecionados n.26.

¹¹ G1: **Endividamento chega a recorde de 71,4% dos brasileiros, segundo a CNC**. Rio de Janeiro. 05/08/2021. Economia. Disponível em: [Endividamento chega a recorde de 71,4% dos brasileiros, segundo a CNC](#). acesso em 12 Ago 2021.

¹² G1: **No Brasil, 44,5 milhões ganham menos de 1 salário-mínimo**. Rio de Janeiro. 29/11/2017. Disponível em: [No Brasil, 44,5 milhões ganham menos de um salário mínimo](#). Acesso em 13 Mai 2021

¹³ ROSCOE, Beatriz: **Brasil tem 14,4 milhões desempregados e taxa de desocupação de 14,1%**. Poder 360. 31.ago.2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/economia/brasil-tem-144-milhoes-desempregados-e-taxa-de-desocupacao-de-141/>. Acesso em 12 Set 2021

Gráfico 6: Consumidor de Arte

Fonte: do autor

Se você leitor, for como nós pesquisadoras, deve estar vendo esse gráfico 6 e pensando, “uau, que notícia boa 95,4% se consideram consumidores de Arte, que porcentagem otimista!” (grifo nosso). É realmente muito boa, porém, agora é o momento em que respondemos a pergunta que foi feita anteriormente, é otimista pra quem?

E com isso voltamos a pôr os pés no chão e lembrar qual é o perfil dos nossos participantes. A maioria são pessoas que recebem acima de dois salários mínimos. Agora, qual é a relação que o consumo de Arte tem com a renda mensal de cada um? A renda, como vimos acima, é distribuída conforme as nossas necessidades, (revisite a Pirâmide de Maslow, 1954 para consulta). Podemos afirmar que a Arte é uma necessidade humana? Sim, podemos! De acordo com Biesdorf e Wandscheer (2011) entre outros autores como Martha Graham (1993); Patricia Ferreira (2010) e Merleau Ponty (1994) a Arte é intrínseca ao ser humano e acompanha os registros históricos de toda a humanidade. É comum pensar que quando vamos viajar em busca de conhecer um lugar novo, uma nova cultura, um novo país ou cidade, procuramos museus, músicas, filmes, documentários, livros, pinturas, tradições, e isso tudo nada mais é do que Arte, a Arte conta a história da humanidade e com isso, ela se faz imanente ao ser humano. “O ser humano se expressa por meio da Arte desde os tempos mais remotos; a expressão artística é a forma que o homem encontra para representar o seu meio social.” (p.2)

Pensando desta forma fica mais fácil visualizar onde é que a Arte e a dança se encontram na pirâmide das necessidades de Maslow (2016). No campo das necessidades sociais, no terceiro degrau, logo após sanar as necessidades fisiológicas e de segurança. Como vimos a Arte é também uma forma de comunicação, de expressão, portanto é compreendida como um aspecto social, o comunicar e o expressar existem na presença de alguém que expressa\comunica e alguém que escuta\compreende. É através da Arte que por muitos anos

questionamos nossa própria realidade, servindo de estímulo para transformá-la. A Arte descreve, contesta, cria, transforma o mundo e se transforma. É o que na dança informalmente chamamos de “construir para destruir” (grifo nosso) uma eterna e constante metamorfose, criando conceitos, estruturas e formas do fazer, para que com o tempo possamos mudar tudo de novo, dando origem a coisas novas e que ao passar dos anos, também, serão inevitavelmente transformadas. Uma certa ordem num eterno ciclo de desequilíbrio, ruptura, transformação e renascimento.

A Arte sempre se mantém forte, constante e viva. É como um camaleão, se adapta às condições que são apresentadas, como uma dança num grande improviso. Não existe absolutamente qualquer situação ou assunto que não possa ser expressado através da Arte. Para o artista tudo pode ser um estímulo, coisas boas ou ruins, rotineiras ou atípicas, reais ou irreais; não existem limites para a criação, e por se tratar de ser uma relação humana, socialmente construída, de ser uma necessidade coletiva, é que a Arte se encontra nesse degrau da pirâmide.

Voltando aos nossos questionamentos. Se a Arte se encontra nesse terceiro grau das necessidades e nós aprendemos que para passar de um degrau para o outro as necessidades básicas precisam estar minimamente sanadas, todos nós teremos as mesmas oportunidades para acessá-la? Infelizmente não! O acesso à Arte não está relacionado ao desejo de consumir, mas sim a existência das condições materiais para conseguir consumi-la. Infelizmente não se trata de força de vontade, de motivação ou até mesmo de informação.

Portanto, internalizando todos os dados que coletamos até aqui, como nós podemos questionar e responsabilizar o público que não tem as condições necessárias nem para garantir as necessidades fisiológicas e de segurança, sobre o fato de não consumirem uma Arte diferente daquela que chega para dentro de suas próprias casas? Simplesmente não podemos, pois a tentativa de garantir a sobrevivência toma todo o espaço de tempo que essa pessoa tem, tanto em preocupação como em horas exaustivas de trabalho mal remunerado. E também não é coerente responsabilizar esse indivíduo pela própria realidade da qual não consegue sair, e esperar que espontaneamente consuma mais Arte ou que seja capaz de se locomover até um centro cultural, pois isso não depende apenas de seu próprio interesse e não existem as condições materiais que possibilitem esse público a sequer pensar em atividades como essa, assim como outras atividades de descanso, lazer.

Não é luxo exigir do Estado a criação das condições que possibilitem tornar a Arte democrática e de comum acesso a todos, assim como grande parte das nossas atividades sociais proporcionam bem estar e qualidade de vida, a Arte também se encontra no espaço do lazer.

Garantir as condições básicas de sobrevivência faz parte da lei¹⁴ e portanto é direito de cada um de nós, como podemos analisar pelo Artigo 6 da Emenda Constitucional no. 90 de 2015 “São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.”.

Se todos esses aspectos fossem garantidos seria possível ter mais tempo e condições financeiras disponíveis para poder pensar em atividades diferentes das que tangem a sobrevivência e por consequência existiria espaço a ser preenchido com interesses pessoais, atividades sociais, crescimento pessoal, programas culturais e de lazer, e entre tudo isso a Arte faria parte das escolhas do dia a dia dessas pessoas de forma descomplicada.

Para ser possível uma realidade em que a Arte seja igualitária e democrática, evidentemente precisamos que a população não passe fome, tenha moradia, segurança, educação, saúde, saneamento básico, emprego e um salário que pelo menos se ajuste proporcionalmente com o aumento da inflação, isso tudo também é lei e também é responsabilidade do Estado garantir. Portanto, agora que chegamos até aqui é importante compreender que o indivíduo que se encontra nessa condição não é de todo responsável pelo lugar ao qual está inserido na sociedade, mas o Estado possui uma coparticipação para sustentar que esse indivíduo permaneça nessa condição de exploração e sobrevivência.

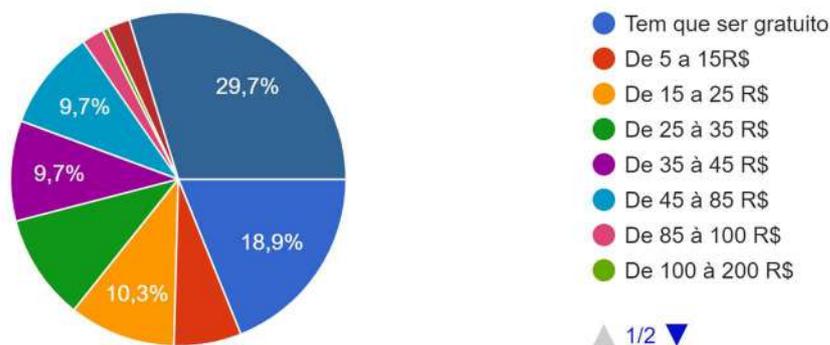
Como Kollontai (1911, s/p) cita:

Quanto mais desenvolvidas estão as necessidades culturais entre os operários, mais valor concedem à possibilidade de seguir o ritmo na vida cultural, de ir ao teatro, de assistir conferências, ler jornais, consagrar o tempo que o trabalho não consome à luta sindical, à política, a uma atividade pela qual sentem atração, à Arte, à leitura, etc.

Assim, é responsabilidade do Estado criar os meios para que todos tenhamos as mesmas oportunidades, mas essa está longe de ser cumprida. Compreendemos aqui que o acesso às oportunidades, a cultura e melhores condições de vida não é uma questão meritocrática e de força de vontade, e sim conseguir sair do ciclo da miséria e baixos salários que sobrepõem a maioria da população brasileira, visto que pelo Gráfico 7, mesmo tendo participantes que ganham acima de 2 (dois) salários-mínimos, 29,7% acham que a Arte deveria ser gratuita.

¹⁴ BRASIL. Constituição (1988). **Emenda constitucional** n° 90, de 15 de setembro de 2015. Lex: legislação federal e marginália, Distrito Federal. Brasília.

Gráfico 7: Critério financeiro para consumo da Arte



Fonte: do autor

Aqui em nosso gráfico temos as duas maiores parcelas: em azul escuro com 29,7% e azul claro com 18,9%, ocupando a metade do espaço. O de maior número 29,7% compõem o público que afirmou que o preço não é um problema quando o assunto é Arte, se colocando disponível a avaliar diferentes valores para diferentes experiências. Já a segunda porção, com 18,9% afirmou que para consumir Arte, precisa ser gratuito, supomos ser devido a falta de condições financeiras para separar um valor das contas mensais e destiná-las ao consumo de Arte. As outras porções do gráfico variam de um piso de 5 reais até um teto 85 reais, variável mínima e máxima definida pelos participantes a ser separada do orçamento mensal para investir em atividades culturais.

É muito comum acontecer a confusão entre o que entendemos por valor e aquilo que entendemos por preço. Também é comum escutar que a Arte não tem preço pois tem um valor imensurável. Valor é de fato imensurável pois não é com números que medimos o tamanho do valor, é com experiências, sensações, vantagens que foram obtidas através de algo. Tais elementos agregam um valor a algo ou a alguma coisa que não quantificamos. Já o preço é relacionado a aspectos materiais que compuseram aquele trabalho. Por exemplo: o preço que se paga por um ingresso para assistir um espetáculo de dança é revertido em salários dos bailarinos, coreógrafos, produtores artísticos, sonoplasta e iluminador. Também estão inclusos neste preço o figurino dos bailarinos, os objetos cênicos, o aluguel do teatro, as horas de ensaios, as horas de aulas, entre outros muitos detalhes. Tudo isso que foi investido deve ser retornado aos profissionais que compõem esse evento artístico, assim como qualquer outra profissão.

Portanto, com isso compreendemos que sim, a Arte tem preço pois além de materiais e objetos também envolve o trabalho de um grupo de profissionais, e sim, a Arte tem um valor imensurável, pois ela é capaz de proporcionar experiências únicas para cada indivíduo que a

observar, podendo provocar sensações, sentimentos, reflexões, enfim, um leque infinito de respostas incalculáveis.

Nesse momento, se estamos seguindo a mesma linha de raciocínio, vocês estariam se perguntando, se é necessário tudo isso de trabalho para produzir Arte, como então que existem eventos gratuitos? Pois de fato não existem, alguém paga pelo trabalho ou o próprio artista se sujeita a execução de trabalhos não remunerados, e nesse caso quem paga é ele mesmo ou existe alguma lei de incentivo à cultura por trás, que é paga através do recolhimento de impostos, nesse caso todos nós pagamos. Também há as iniciativas privadas que lançam editais de fomento à cultura vinculadas ao nome da sua empresa, e nesse caso a empresa assume os custos a fim de conquistar uma imagem positiva associada à Arte e conseguir mais clientes.

Com isso fica mais fácil de entender o artista como um profissional executando o seu trabalho e também a sua necessidade em receber um salário, pois além de ser muitas vezes o seu meio de sustento, assim como qualquer outra profissão, também existiu um investimento por parte desse artista a fim de se profissionalizar e também de compor a dramaturgia completa de sua obra em questão.

Agora, o fato de entendermos que o trabalho deve ser pago é a justificativa para a inacessibilidade? Será que a necessidade do profissional artista de cobrar um valor diferente de zero é o fator responsável por afastar o público de amostras artísticas? Não acreditamos nisso. Assim como aprendemos acima, existe uma pirâmide de necessidades, pautada nas prioridades de cada classe, e que nem sempre a Arte se encontra nas prioridades de um determinado público, pois existem milhares de outras questões vitais a serem resolvidas antes.

Esse é um fato concreto se compreendermos a realidade desse público e portanto, inquestionável. Além de que também vimos que responsabilizar o próprio indivíduo sobre sua própria condição de carência não é o caminho para solucionar essa questão. Se todos nós pagamos impostos, por qual motivo não conseguimos acessar de forma igualitária os mesmos recursos públicos?

Na existência da desigualdade acabamos por observar a existência de diversos níveis de segregação, como por exemplo as divisões do espaço geográfico, dividindo os centros, avenidas e bairros principais com um grupo populacional com condições financeiras mais privilegiadas para se manter num local de fácil acesso. Assim como vemos em contrapartida as populações menos abastadas nas zonas periféricas e afastadas dos grandes centros e de vias facilitadas de transporte.

Podemos observar, também, essa mesma desigualdade quando falamos de educação. Por mais que sabemos que a educação pública é um direito de todos, nem todo o ensino público

cumprir com a demanda necessária para suprir a quantidade de processos seletivos que passa um estudante, e em oposição a esse déficit temos o oferecimento do ensino particular que promete facilitar o caminho dos interessados na vida acadêmica. E a partir dessa forma de se viver em sociedade, em meio às desigualdades, qualquer elemento colocado para análise terá seu grau de acesso ou de impedimento de acordo com a classe a qual nós pertencemos.

Assim também acontece com a Arte. Por ser múltipla e impossível de se definir em conceitos muito fechados, assume sempre um lugar de constante transformação por se ter elementos subjetivos que a torna complexa, tanto para dar um preço, quanto para selecionar um público alvo ou um lugar ideal para a exposição ou demonstração da Arte, e é claro! Toda essa trajetória perpassa pelas divisões de classes.

Em relação a espaços artísticos temos como um grande referencial teatros e museus, e por outro lado, os espaços urbanos, em que a rua se torna um grande palco. Cada ambiente acarreta em diferentes condições de acesso e conseqüentemente abarcam públicos diferentes também. Normalmente espaços como museus e teatros contam com ingressos de entrada em horários específicos, mesmo existindo o direito a meia entrada, as vezes contando com alguma política de acesso que abarque um público sem condições de pagar a entrada, oferecendo um dia ou horário específico para abarcar o público consumidor dependente do critério de gratuidade.

Por exemplo, em São Paulo temos o Museu de Arte de São Paulo (MASP) que garante a gratuidade aos visitantes durante as terças-feiras das 10 às 18 horas; já o Museu de Arte Moderna - São Paulo garante os sábados gratuitos das 12 às 18 horas. Outro exemplo interessante para observar é o Museu de Arte Contemporânea da Universidade Federal de São Paulo, que conta com todos os dias gratuitos. Cada centro artístico tem uma origem diferente, uns são públicos, outros privados, outros tem parcerias mistas. Uma empresa privada visa em seus objetivos principalmente o lucro, já as iniciativas públicas têm outras demandas a cumprir, como garantir o acesso a cultura, a educação, a saúde, e com isso, através do recolhimento de impostos tem o papel de devolver esse valor recolhido em formato de melhorias a toda a população. Acima notamos que o museu artístico vinculado a universidade federal consegue manter sua agenda diariamente gratuita em todos os horários, o que não o onera ao ponto de haver o não pagamento dos profissionais. O que vemos é uma transformação de recursos já captados em melhorias na vida da população como um todo, em formato de Arte acessível. Em contrapartida, museus com diferentes formatos de parcerias, que não são públicos como o MASP conseguem oferecer apenas um dia de gratuidade num horário restrito, que se pararmos

pra refletir não abarca a população trabalhadora, por acontecer numa terça-feira em horário comercial.

É importante se atentar a isso, a Arte pode não ser valorizada da forma como deveria ser, mas os artistas e suas obras, por meio de iniciativas públicas, leis de incentivo a cultura e editais, a partir do recolhimento de impostos estão sendo pagos, e esta Arte retorna a população sem a necessidade da compra de um ingresso, mas sim se utilizando dos impostos já pagos pelo povo. Portanto, a Arte não é gratuita, mas devemos exigir do Estado o acesso gratuito a ela.

Temos outro formato, também artístico, que vemos ganhando cada vez mais espaço, a Arte de rua, a performance, a instalação artística ou Artes públicas como esculturas em espaços públicos, por exemplo. Nesse caso temos um fenômeno interessante, a Arte de rua e essa cultura popular existe e surge nas periferias devido a essa diferença de classe e seus aspectos geográficos. Muitas vezes a população que não acessa os pólos centrais artísticos, encontram em seu próprio meio de convívio formas de criar Arte e contextualizá-la com o ambiente e o povo que habita essas regiões. Com isso vemos que mesmo sem acessar a Arte nos centros urbanos, mesmo não existindo políticas públicas suficientes que tornem a Arte democrática, vemos que a Arte segue emergente e nasce nas condições mais improváveis, provando o seu teor de necessidade humana, e deixando visível que mesmo na impossibilidade de acessar lugares específicos, o povo cria as condições e se transforma com o que tem, e fala daquilo que vive e se descobrem artistas em criação.

5.2.1 Distância e o Transporte para o Acesso à Arte

Vimos que mesmo quando a Arte expostas nos centros urbanos acabam não sendo acessíveis à população que está à margem da sociedade, essa mesma população cria, sua própria obra em sua própria comunidade. Neste estudo questionamos nossos participantes sobre a existência de atividades culturais próximas de suas moradias e a maioria respondeu que não mora muito longe dos centros culturais de suas respectivas cidades e que o meio de transporte mais utilizado é o carro.

Já para a parcela que respondeu que são dependentes do transporte público, 34 pessoas assinalaram na sequência que compreendem o transporte público em sua maioria como uma barreira, e não como um meio facilitador do acesso; já outras 24 pessoas consideram que o transporte público presta apenas a metade do papel que deveria ser cumprido e outras 26 pessoas acreditam que o transporte público funciona como um meio facilitador ao centro e as atividades relacionadas à Arte. Portanto vimos que a maior parte dos voluntários que utilizam o transporte público considera ele ineficiente ao papel que deveria cumprir, visto que 34 pessoas estão muito

insatisfeitas e 24 apenas parcialmente satisfeitas, temos uma minoria de 26 pessoas que acreditam que o transporte público de fato funciona como deveria ser, eficiente com o que se compromete.

Vamos fazer juntos um exercício de mobilidade urbana para compreender as dificuldades que são encontradas ao depender do transporte público. Tomando como base a cidade de São Paulo, famosa por ser um grande centro cultural e analisar, de acordo com o Instituto Escolhas (2020)¹⁵ Quanto é Morar Longe e a Fundação ABH¹⁶ Um morador de Parelheiros, referente a zona sul, gasta em média 14,36 reais por um período de 1:40 apenas para chegar até o centro da cidade de São Paulo. Apenas nessa demonstração percebemos que não se trata de um valor simbólico, é necessário além de organização do tempo disponível, também, um preparo financeiro para conseguir apenas chegar até os grandes centros, isso sem contabilizar o que se gasta nesse período em que se está fora de casa.

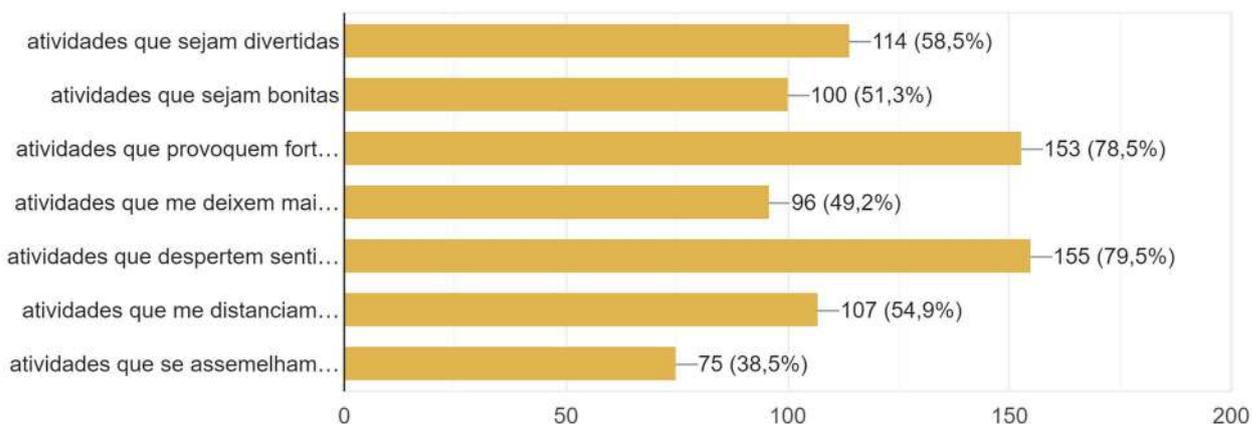
Com isso, citando apenas um dos milhares casos existentes da locomoção entre periferia e centro tornamos mais palpável esse debate, e mais próximo das informações materiais que implicam nesse trajeto, novamente fugindo do pensamento que “querer é poder” e parando de tratar problemas sociais com um caráter individualista resumido a força de vontade.¹⁷, mas sim de recursos e condições básicas para isso.

Assim, após mapearmos como acontece esse contato com a Arte, o público voluntário foi questionado sobre o que ele espera encontrar quando se propõe a consumir Arte. A maior parte das respostas do nosso público, com 79,5% foi que espera se deparar com atividades que despertem sentimentos, sejam eles agradáveis ou não, como pode ser visto no Gráfico 8.

¹⁵ INSTITUTO ESCOLHAS: quanto é morar longe. 2020. Disponível em: [Morar Longe](#). Acesso em 20 Set 2021.

¹⁶ FUNDAÇÃO ABH: **Mobilidade Urbana: os desafios da periferia sul de São Paulo**. São Paulo. 2020. Disponível em: <https://www.fundacaoabh.org.br/mobilidade-urbana-os-desafios-da-periferia-sul-de-sao-paulo>. Acesso em 20 Set 2021.

¹⁷ NOSSA SÃO PAULO. Disponível em: [PONTO DE ONIBUS](#). Acesso em 20 Set 2021.

Gráfico 8: O que encontrar ao consumir Arte

Fonte: do autor

Entretanto, também, tivemos outras respostas bastante expressivas, como por exemplo essa segunda parcela maior, com 78,5% que declarou querer sentir fortes emoções, também sem distinguir entre emoções boas ou ruins. Esses pontos são curiosos podendo gerar reflexões tais como: quando compramos um produto, normalmente esperamos que ele nos dê bons resultados, e ficamos insatisfeitos se eles nos geram sentimentos ruins com a compra. O que queremos dizer é que o consumo mercantil está fortemente ligado ao prazer e a vontade em consumir, mas vemos que quando se trata de Arte, o consumo aparece com outro teor, de experimentação.

Ao consumir Arte nós não sabemos exatamente o que vamos encontrar, normalmente sabemos a temática ou a modalidade a ser desenvolvida ou escolhida, como por exemplo a dança, teatro, cinema, entre outros; e normalmente vemos flyer ou assistimos um trailer com uma sinopse daquilo que iremos presenciar. Enfim, quando nos propomos a consumir Arte estamos de certo modo nos expondo a viver uma experiência da qual não sabemos de tudo, e esse elemento inesperado acaba que também faz parte da composição da Arte.

A terceira maior resposta, com 58,5% dos retornos, afirmaram querer encontrar atividades divertidas. E aí nós podemos refletir sobre a necessidade humana em busca do bem estar, da felicidade nas coisas que fazemos, e na procura de atividades extra cotidianas e em momentos que nos dão um pouco de prazer, de alívio em meio a rotina, que muitas vezes é maçante e nos domina por completo. A Arte não tem que ocupar sempre esse lugar do divertimento, mas muitas vezes ela funciona consequentemente como tal.

A porção seguinte do gráfico, com 54,9% demonstra ter o desejo de encontrar experiências artísticas que os distanciam da própria realidade, e com isso vemos a característica da fuga, que também ouvimos muito quando falamos de Arte, a Arte com caráter de escape da realidade a fim de encontrar uma nova forma ou um momento de respiro da própria realidade,

muitas vezes pela dureza de viver no próprio contexto. Assim como 51% querem com o consumo da Arte encontrar beleza. E esse definitivamente não é um assunto novo na Arte. Em 1975 a performer Marina Abramovic resolveu falar sobre esse tema, levanta em um de seus trabalhos, “Art Must be Beautiful, Artist Must be Beautiful”¹⁸ que traduzindo significa “A Arte Deve Ser Linda, Artista Deve ser Lindo” o questionamento sobre a Arte ter a cobrança por ser sempre bela dentro desses padrões estéticos inatingíveis. Com isso Abramovic (2016) resolveu pentear seus cabelos repetidas vezes de forma compulsiva e completamente desorganizada, penteando seus cabelos sem os objetivos de deixá-los arrumados.

Por fim, 49,2% procuram atividades que os deixem mais felizes, enquanto 38,5% em oposição ao público acima, gostam de encontrar trabalhos que criam pontes de conexão com a sua própria realidade, se assemelhando ao próprio cotidiano.

Outra reflexão que temos em mente é que o público que menos participou do nosso questionário, é conseqüentemente a parcela que se encontra com maiores dificuldades financeiras, de mobilidade e conseqüentemente de acesso à Arte. Assim pode ser, também, uma população que antes de ter a possibilidade de refletir sobre o que espera encontrar ao apreciar a Arte precisa, primeiramente, conseguir chegar até ela.

Pelo Gráfico 9 percebemos isso pois 97,5% acreditam que seriam mais próximos da Arte se existissem mais possibilidades de acesso a ela se tivesse condições para consumi-la. O que apresenta que o interesse por consumir Arte existe. Apenas 2,5% alegaram que o tanto de Arte que consomem já é suficiente para suprir as próprias necessidades.

Gráfico 9: Proximidade a Arte



Fonte: do autor

¹⁸ ABRAMOVIC, Marina. NEON + MAI | Reperformance of Marina Abramovic's "Art Must Be Beautiful, Artist Must Be Beautiful". Youtube. 24 de Mar. 2016. Disponível em: [NEON + MAI | Reperformance of Marina Abramovic's "Art Must Be Beautiful, Artist Must Be Beautiful"](#). Acesso em 16 Jul 2021.

A última categoria foi criada com o intuito de investigar como as pessoas que se consideram artistas criam a própria Arte e como elas vivem tendo a Arte como meio de sustento. Também procuramos investigar qual foi a relação que esses artistas têm com seu público e como é o seu grau de preocupação entre o que produzem e o que é compreendido por quem consome, questionando também a própria relação do artista com seu contexto e espaço de criação.

5.3 Produção e Criação: Viver da Própria Arte

O objetivo desta categoria foi de agrupar os participantes, que se consideravam artistas. Obtivemos uma parcela de 43,1% que disseram serem artistas, enquanto a maioria com 56,9% afirmou que não se consideram artistas e sim consumidores de Arte.

Dos 100% dos participantes, a maioria, 78,7% se consideram capazes de criar Arte, ou seja, capazes de produzir Arte, enquanto 21,3% não se consideram capazes.

Assim fizemos uma análise sobre como é para o artista/participante viver da própria Arte e verificamos que 51,8% dos participantes que de fato trabalham com Arte, apenas 11,9% afirmam conseguir viver apenas da profissão. Já 48,2% não estão trabalhando com Arte. Os outros 54,2% não consideram ser possível sobreviver com o salário de seu trabalho artístico e outros 33,9% afirmaram que precisam complementar sua renda com um segundo emprego, como podemos observar no Gráfico 9.

Gráfico 10: viver da própria Arte



Fonte: do autor

Voltando a compreensão das divisões da pirâmide de Maslow (2016), vemos aqui com esses dados do Gráfico 9, gerados a partir dos nossos artistas/participantes, que apesar do artista, pelas características de seu trabalho poder ser agrupado no terceiro degrau da pirâmide - relações sociais, o salário fruto do seu trabalho não garante a esse profissional segurança

financeira, capaz de suprir as necessidades da base da pirâmide. Ou seja, mesmo ele não conseguindo com o seu trabalho, garantir as condições básicas de sustento e segurança, esse indivíduo é um dos agentes ativos das relações sociais, por meio da produção artística, porém, devido às carências financeiras ele acaba se encontrando numa realidade que apesar de produzir Arte devido a sua carência, não consegue consumir Arte.

Com isso vimos aqui que mesmo o indivíduo tendo consciência da importância de sua profissão, o sentimento de pertencimento e a capacidade de produzir e trabalhar com Arte, não são suficientes para providenciar a esse profissional as condições necessárias da base da pirâmide, como garantir luz, aluguel, gás, cesta básica, entre outros elementos da base.

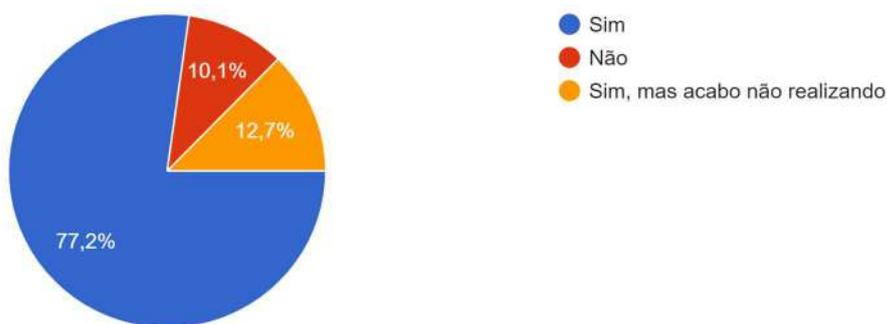
Nesta categoria, também, analisamos o ato do fazer artístico e o envolvimento do artista/participante com sua produção e quais são seus elementos¹⁹ e critérios para construir um trabalho e apresentá-lo como, por exemplo, se os gostos ou o público que o assiste é considerado em seu ato de criar.

Quanto a esse critério, a maior parte, 63,2%, alegaram que o público é sim considerado. Enquanto 36,8% disseram que nem sempre o público é considerado no momento do fazer artístico.

Ainda sobre os elementos da compreensão da obra, foi questionado ao artista/participante, se existe um interesse em criar elementos, que facilitem, ao público, o entendimento daquela obra, durante o processo de criação. Sobre essa questão, verificamos que sim, que 57,1% dos artistas/participantes refletem, pensam e criam formas de contextualizar a obra com a finalidade de torná-la cada vez mais compreensível, enquanto 42,9% não acreditam que a compreensão seja um elemento de base para suas próprias criações, optando de forma consciente seu desapego pelo critério da compreensão.

Em relação ao artista e ao seu espaço de criação podemos observar pelo Gráfico 10 que, em sua maioria, 77,2% dos artistas/participantes consideram com relevância sua relação com o espaço e a criação de sua Arte, apenas 10,1% não a julga necessária e outros 12,7% reconhecem sua importância, mas assumem não conseguir realizar.

¹⁹ Neste estudo entendemos por elementos tudo referente a composição da dramaturgia, o cenário, figurino, iluminação, trilha sonora, panfletos informativos, entre outros detalhes que compõem o todo daquela obra. GADELHA, Paula Caldas Ernesto. Dança e Dramaturgia : O CRIME COMPENSA Disponível em: file:///C:/Users/Lenovo/Downloads/PauloCaldasErnestoGadelhaorgsDanca1%20(1).pdf. Acesso em 21 Set 2021.

Gráfico 11: O fazer artístico e a relação com o espaço

Fonte: do autor

A partir dessas respostas conseguimos reforçar aquilo que foi dito anteriormente referente ao que se produz e ao que se consome em cada espaço, lembrando das divisões territoriais e os grandes centros culturais. A relação da Arte com a história, seu contexto e espaço é fundamental, inclusive para compreender as mudanças sociais e como os artistas se expressam, sobre qual assunto eles querem falar e para quem quer produzir determinada Arte.

A relação da Arte com o espaço é indissociável, e com isso a Arte é eminentemente política pois assim como a Arte interfere nessa construção, não só conceitual, mas física, o espaço físico também influencia na Arte a ser construída tanto de forma intelectual como também material. A Arte dialoga politicamente com os momentos nos quais vivemos, contesta, reafirma, transforma o espaço e se posiciona.

Um exemplo que foi bastante repercutido foi quando, durante o governo do Dória, a Prefeitura de São Paulo apagou vários grafites feitos por diversos artistas plásticos e entre eles o painel feito pelos irmãos Otávio e Gustavo Pandolfo, mais conhecidos como “Os Gêmeos” representado na Figura 5.



Figura 5: Mural de grafite na Av. 23 de Maio, feito pelos Gêmeos.²⁰

Após essa ação da prefeitura, que tinha como objetivo tornar a cidade mais limpa ao apagar as obras de Arte das paredes, os artistas e apreciadores se revoltaram e responderam a essa ação com novas obras de Arte nas ruas, criando um diálogo urbano através do espaço cidade e a Arte. Com isso, vimos com a nossa pesquisa que os dados que coletamos são um reflexo indissociável das relações por onde as quais a Arte perpassa e que serviu para confirmar uma hipótese que tínhamos, assim como a Arte é inerente ao espaço ela também é política. Abaixo vemos uma das imagens (figura 6) do processo de limpeza e em sequência temos algumas das respostas feitas através da Arte nos muros de São Paulo após a pintura dos grafites (Figuras 7 e 8):



Figura 6: Prefeitura de São Paulo apagando grafites na Avenida 23 de Maio²¹

²⁰ Mural de grafite na Av. 23 de Maio, fotografado em 20 de janeiro. CAVALCANTI, Fernando. Disponível em: [A 'maré cinza' de Doria toma São Paulo e revolta grafiteiros e artistas](#). Acesso em 01 Out 2021.

²¹ Prefeitura de São Paulo apagando grafites na Avenida 23 de Maio. Marcelo S. Camargo/Frame Photo/Estadão Conteúdo. Disponível em: [Justiça de SP condena Doria e a Prefeitura por remoção de grafites na 23 de Maio](#). Acesso em 01 Out 2021.

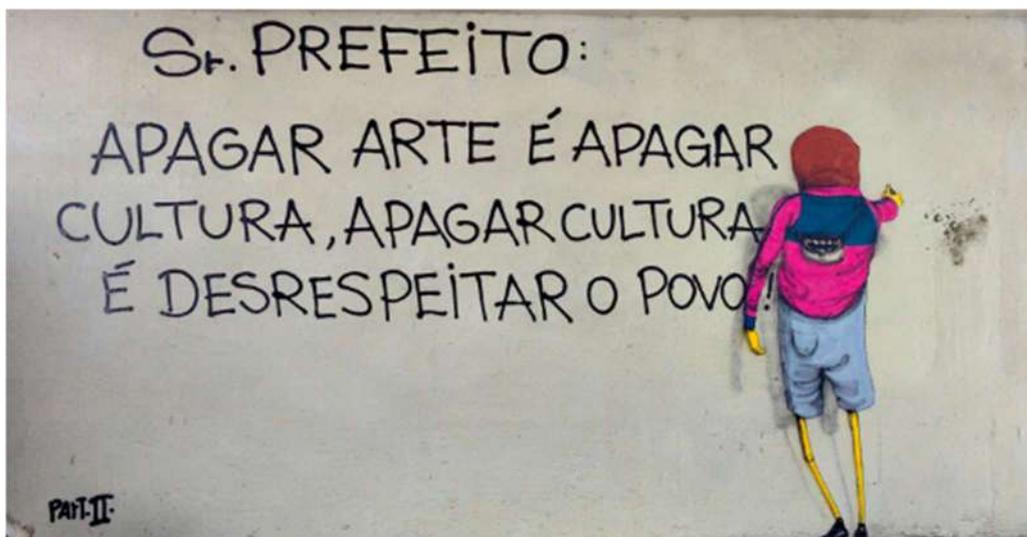


Figura 7: Resposta ao prefeito²²



Figura 8: Resposta dos Gêmeos para o prefeito²³

²² Resposta à prefeitura. Acervo pessoal da Revista Trip. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/osgêmeos>. Acesso em 01 Out 2021.

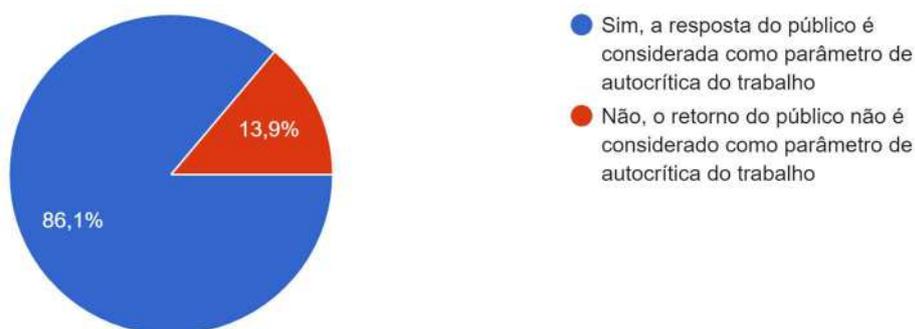
²³ Resposta dos Gêmeos para o prefeito. G1 São Paulo. Disponível em: [Após apagar painel, Prefeitura busca acordo com 'Os Gêmeos'](#). Acesso em 01 Out 2021.

Com esses exemplos fica mais fácil compreender o caráter político da Arte que conversa através do espaço urbano, reivindica pautas públicas e políticas, que é interferido pelo ambiente e o transforma mutuamente nessa via de mão dupla.

A Arte é viva e acontece em constante transformação, conta a história e interfere nela. Com isso acredito que até aqui compreendemos como o espaço contextual é fundamental nesse processo de criação e reflexão do fazer artístico.

Assim como a Arte dialoga com o espaço ela também tem um impacto em quem a observa, nesse momento seguinte das nossas análises vamos questionar se essa resposta gerada no público é considerada pelos artistas em seu processo de autocrítica e transformação de seus próprios trabalhos, questionando se existe fruição entre todas essas parte, espaço, público, artista e obra de Arte.

Gráfico 12: Relação do artista/participante com o feedback do público sobre sua obra



Fonte: do autor

Ainda nessa perspectiva dinâmica, nada como a importância do retorno da obra para analisar os fatores que podem ser melhorados. 86,1% dos nossos participantes consideram importantes as respostas do público consumidor para a avaliação dos objetivos e para a transformação em melhorias do próprio trabalho. 13,9% dos nossos voluntários não consideram esse um critério de avaliação e consideração.

Nós acreditamos na potência desse feedback como um termômetro para avaliar se todos os elementos escolhidos do trabalho foram captados por quem pode consumir, não para definir a qualidade do trabalho como bom ou ruim, mas para ter o prazer de acompanhar as múltiplas perspectivas que são absorvidas através de uma mesma origem, de um mesmo trabalho. Acreditamos que isso enriquece inevitavelmente a composição, mesmo que os retornos do público sejam completamente opostos ao imaginado. Essa informação também é importante, para ser possível, a partir daí ter o poder de escolha entre abarcar essa nova linha interpretativa

que já foi assimilada pelo público ou transformá-lo até que se aproxime o máximo possível do esperado se assim for o desejado pelo artista..

É importante pensar que, apesar de às vezes a proposta ser explícita, todos nós podemos compreender uma mesma situação com sensações muito opostas, e isso faz parte da subjetividade de cada um, e mesmo sendo intrínseco não faz do trabalho algo individualista, pois mesmo com percepções variadas muitas vezes a temática é ampla e dialoga com muitas pessoas e espaços, mesmo que de formas diferentes.

Como por exemplo, quando temos uma temática em torno da violência podemos previamente deduzir que todos vão interpretar aquilo de forma abominável, porém se nos inserirmos na realidade de cada um podemos descobrir diferentes variações da percepção; um adulto que nunca teve vivências em torno da violência, seja dentro de casa ou nos ambientes de convívio, tem como, através da empatia, se colocar no lugar daquele que sofre e se incomodar com a violência, gerando nele uma revolta e indignação; por outro lado se observarmos um mesmo espectador, como uma criança que assiste todos os dias dentro da própria casa situações de violência entre seus pais, podemos perceber que nessa perspectiva essa criança pode naturalizar essa situação e ficar até menos chocada do que o primeiro espectador, pois aquilo faz parte de seu cotidiano, e por ser criança ainda teve poucos exemplos diferentes da realidade da qual ela habita. Como também as reações podem ser completamente outras e até invertidas por sinal.

Portanto, mesmo partindo de um mesmo tema, quem assiste possui uma trajetória e uma experiência de vida podendo se enxergar em diferentes momentos na cena, onde se pode colocar no lugar de vítima, de agressor, de nenhum dos dois - pode se entender como um espectador que apenas presenciou, mas não faz parte, ou seja, são incontáveis as possibilidades. Por fim, são por essas variáveis tão ricas que o feedback que recebemos do público se faz importante, pois muitas vezes apresenta contextos inesperados e que compõem a obra.

6. Considerações Finais

Neste estudo por meio de dados sociodemográficos podemos trilhar um perfil dos participantes os quais têm entre 18 a 24 anos de idade, são em sua maioria mulheres, estudantes. Sua maior parte se considera consumidor de Arte e teve seu primeiro contato com ela no período da infância, moram relativamente próximos a atividades artísticas, e a maior parte se locomove ao centro com carro. Quase 100% do público declarou que se houvesse a possibilidade estaria mais próximo da Arte. A maior parte se sente capaz de produzir Arte, mas apenas a minoria se considera artista. Dos artistas, praticamente metade trabalha com Arte e apenas 11,9%

conseguem sobreviver do seu trabalho artístico. E por fim, a maior parte dos artistas se preocupa e considera seu público e o espaço de criação na composição de seus trabalhos. Todos esses fatores influenciaram na pesquisa de forma a facilitar a delimitação dos públicos e quais são suas diferenças, facilidades e dificuldades que nos fizeram chegar em nossas análises.

Quanto à questão da aproximação ou distanciamento do público da Arte, baseado nas respostas e no perfil que apresentamos percebemos como esse aspecto foi indispensável para entender essa questão e reflexões realizadas. Foi a partir da compreensão da inserção social de cada um que enxergamos as suas necessidades e vimos como é difícil consumir Arte de forma igualitária, visto que temos no nosso país um enorme índice de desigualdade e que cada classe social se encontra em condições muito diferentes de prioridades.

Com a apreciação dos resultados da nossa pesquisa e a explanação dos dados gerais do Brasil nós compreendemos boa parte dos motivos que facilitam o público ao acesso à Arte e também percebemos quais são as dificuldades que impedem esse consumo. Fizemos um recorte de classes a partir da pirâmide das necessidades de Maslow (2016) e constatamos que para existir o meio propício em que o indivíduo possa pensar em Arte e estabelecer essa relação de consumo em sua vida, vários aspectos anteriores precisam estar sanados e livres de preocupação. Portanto os indivíduos que não superaram as condições necessárias de existência e segurança acabam por ficar sem tempo e sem condições materiais para que a Arte se transforme em uma necessidade e passe a fazer parte de suas vidas.

Com isso percebemos que responsabilizar esses indivíduos por suas próprias condições, não resolve o problema, visto que eles sozinhos não são capazes de transformar a própria realidade. E em contrapartida nós temos o Estado, que se encontra em débito com essa parcela da população que dependente de políticas públicas, por deixar de cumprir com leis que funcionariam de maneira eficiente se fossem para reduzir as desigualdades e minimamente possibilitar o acesso a Arte de forma cada vez mais democrática e igualitária.

Também podemos sintetizar desta segunda categoria que cobrar o Estado a cumprir com as leis e executar as políticas públicas não é o mesmo que pedir um favor ou caridade, pois elas são obrigações, que quando se encontram descumpridas refletem drasticamente na vida de milhares de pessoas em nosso país. E quando se tem necessidades como alimentação, moradia e segurança ainda vigentes, a Arte acaba por existir num lugar seletivo, privilegiado e para poucos.

A Arte, apesar de ser uma necessidade humana, ainda vem depois das necessidades de caráter de existência, sobrevivência e segurança, portanto não são todos que se encontram nesse lugar de ter as condições materiais que permitam a esse indivíduo ter a Arte como uma

prioridade e por fim conseguir acessá-la. O desejo por estar mais próximo da Arte não é suficiente para garantir que o indivíduo alcance.

Também queríamos com a pesquisa investigar o próprio trabalho dos artistas e questioná-los se existe uma preocupação com o público e seu ambiente contextual e conseguimos obter com os dados que a maioria dos profissionais considera o público e o espaço em suas composições, e também leva em consideração os feedbacks para autorrefletir sobre seus trabalhos. Esse ponto foi posto como um dos objetivos nessa perspectiva de investigar se alguns dos motivos pelo distanciamento do público com a Arte pudesse ser a individualidade do artista ou produções que não se preocupassem em dialogar com a população. Descobrimos com as nossas respostas que esse perfil individualista não condiz com a forma de trabalhar da maioria dos artistas/participantes da nossa pesquisa, pois em todas as perguntas que tinham como foco questionar como era feita essa relação público-artista-espaço-e criação o artista se colocou disponível ao ambiente, preocupado com o público e dispendo a sua própria obra a autocríticas, se posicionando em sua maioria passíveis a transformação e adotando uma escuta ativa a fim de melhorar sua relação com todas as partes.

Por fim, esperamos que assim como nós, você leitor também tenha se fragilizado com essas diversas situações de desigualdade e que esse trabalho ecoe como sinal de partida para a luta por direitos igualitários. Também torcemos para que aos poucos todos nós nos reconheçamos cada vez mais como seres humanos que contém em si todo o necessário para sermos agentes ativos da Arte. Exercemos a habilidade de nos questionar sobre os nossos direitos, onde nos encontramos e a quem devemos cobrar para que sejamos agentes de transformação da nossa história e de nossa Arte.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, F. **O Folclore em Questão**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CALABRE, L. **Políticas culturais no Brasil: balanço e perspectivas**. Salvador: EDUFBA, 2007. Disponível em: www.gestaodeconcurso.com.br. Acesso em: 5 Mar 2019.

GRAHAM, M. **Blood Memory**. Doubleday 1993.

BIZZO, N. M. V. **Ensino de Evolução e História do Darwinismo**, 1991. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48133/tde-16082013-145625/publico/NELIO_BIZZO.pdf. Acesso em 09 Nov 2020.

A, M. R., MATOS, P. M. e COSTA M.E. UM OLHAR SOBRE O CORPO: O CORPO ONTEM E HOJE. **Psicologia & Sociedade**; 23 (1): 24-34, 2011. Disponível em: ; [UM OLHAR SOBRE O CORPO: O CORPO ONTEM E HOJE* A GLANCE INTO THE BODY: YESTERDAY'S AND TODAY'S BODY](#). Acesso em 09 Nov 2020.

WEIL, P. **O Corpo Fala: A Linguagem Silenciosa da Comunicação Não Verbal**, por Pierre Weil e Roland Tompakow. 74. Ed. Petrópolis: Vozes, 2015. Disponível em: [O Corpo Fala: A linguagem silenciosa da comunicação não-verbal – Pierre Weil, Roland](#). Acesso em 09 Nov 2020.

ENGELS, F. **Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. E-book. Disponível em: [Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem](#) . Acesso em 09 Nov 2020.

REIS, R. R. **Arte e Cidade. Considerações críticas sobre Arte e valor na sociedade de classes**. *Kriterion*, Belo Horizonte, nº 132, Dez./2015, p. 317-333

MERLEAU-PONTY, M. **Sobre a fenomenologia da linguagem**. (Trad.) Chauí, M. S. In M. S. Chauí (Org.), Merleau-Ponty, M. **Textos selecionados** (pp.129-140). São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção** (Carlos Alberto Ribeiro de Moura, Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1994.

REIS, N. B. **O CORPO COMO EXPRESSÃO SEGUNDO A FILOSOFIA DE MERLEAU-PONTY**. *Kínesis – Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia*, 3(6): Dezembro 2011, p. 137-153 . Disponível em: [O CORPO COMO EXPRESSÃO SEGUNDO A FILOSOFIA DE MERLEAU-PONTY | Kínesis – Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia](#) . Acesso em 09 Nov 2020.

FERREIRA, P. **Linguagem da Dança: As Vozes da Expressão Pelo Movimento Corporal**. Tese (trabalho de conclusão de curso em Dança)- Faculdade de Dança, Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, p. 74. 2010.

FERREIRA et al. A FILOGÊNESE DA LINGUAGEM NOVAS ABORDAGENS DE ANTIGAS QUESTÕES. **Arq. Neuro-psiquiatra**. 58(1) São Paulo Mar. 2000. Disponível em: [A filogênese da linguagem: novas abordagens de antigas questões](#). Acesso em 09 Nov 2020.

KRISTEVA, J. A linguagem dos Gestos. In: _____. **História da Linguagem**. Tradução: Maria Margarida Barahona. São Paulo: Martins Fontes, 1969. P. 347-349.

RIBEIRO, D. **O Povo Brasileiro: a formação e sentido do Brasil** São Paulo: Global Editora, 2014.

AIDAR, Laura. O que é dança?. **Toda Matéria**, 2020. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/o-que-e-danca/> . Acesso em 05 Mar 2020.

CONTREIRAS, L. **Pintura em vaso de argila com representações de movimentos**. História da Dança Grega. Disponível em: [História da dança grega](#). Acesso em 05 Mar 2020.

KOLLONTAI, A. **As Relações Entre os Sexos e a Luta de Classes, 1911**. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/kollontai/1911/mes/luta.htm#topp>. Acesso em 10 Mar 2020.

RUIZ, S. **Karl Marx e a Mulher**. Jornal A Verdade, 2018.

POLON, L. **Mapa do Brasil: Regiões, Estados e Capitais**. Estudo Prático. Disponível em: <https://www.estudopratico.com.br/mapa-brasil-regioes-estados-capitais/> . Acesso em 12 Mar 2020.

MASLOW, Abraham Harold. **Motivation and Personality**, 1. Ed. New York: Harpe, 1954. 369 p. Disponível em: http://s-f-walker.org.uk/pubsebooks/pdfs/Motivation_and_Personality-Maslow.pdf .Acesso em 23 Dez. 2016.

PETROBRÁS. **Nossas Atividades: Preços de venda de combustíveis**. Petrobrás, 2021. Disponível em: https://petrobras.com.br/pt/nossas-atividades/precos-de-venda-de-combustiveis/index.htm?gclid=CjwKCAjwhaaKBhBcEiwA8acsHDjDqrb5c1jnLHIJiLZy8r-55b90oI7m7b9DObPXM12Tb2bFap0ZSxoCKyIQAvD_BwE#glp . Acesso em 01 Jan 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE): **Pesquisa de Orçamentos Familiares 2017-2019**. Rio de Janeiro, RJ. 2020 perfil das despesas no Brasil Indicadores selecionados.

G1. **Endividamento chega a recorde de 71,4% dos brasileiros, segundo a CNC**. Rio de Janeiro, 2021. Economia. Disponível em: [Endividamento chega a recorde de 71,4% dos brasileiros, segundo a CNC](#). Acesso em 12 Ago 2021.

G1. **No Brasil, 44,5 milhões ganham menos de 1 salário mínimo**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: [No Brasil, 44,5 milhões ganham menos de um salário mínimo](#). Acesso em 13 Mai 2021.

ROSCOE, Beatriz. **Brasil tem 14,4 milhões desempregados e taxa de desocupação de 14,1%**. Poder 360, 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/economia/brasil-tem-144-milhoes-desempregados-e-taxa-de-desocupacao-de-141/> . Acesso em 12 Set 2021.

BIESDORF, Rosane Kloh; WANDSCHEER Marli Ferreira: **ARTE, UMA NECESSIDADE HUMANA: FUNÇÃO SOCIAL E EDUCATIVA**. Revista Itinerarius Reflections. vol.2 n.11. Goiânia - GO. 2011.

BRASIL. **Emenda constitucional nº 90, de 15 de setembro de 2015**. Constituição, 1988. Lex: legislação federal e marginália, Distrito Federal. Brasília.

INSTITUTO ESCOLHAS. **Quanto é morar longe**. 2020. Disponível em: [Morar Longe](#). Acesso em 20 Set 2021.

FUNDAÇÃO ABH: **Mobilidade Urbana: os desafios da periferia sul de São Paulo**. São Paulo. 2020. Disponível em: <https://www.fundacaoabh.org.br/mobilidade-urbana-os-desafios-da-periferia-sul-de-sao-paulo>. Acesso em 20 Set 2021.

IBOPE Inteligência. **Viver em São Paulo: Mobilidade Urbana**. Rede Nossa São , 2020. Disponível em: [PONTO DE ONIBUS](#). Acesso em 20 Set 2021.

ABRAMOVIC, Marina. **NEON + MAI | Reperformance of Marina Abramovic's "Art Must Be Beautiful, Artist Must Be Beautiful"**. Youtube, 2016. Disponível em: [NEON + MAI | Reperformance of Marina Abramovic's "Art Must Be Beautiful, Artist Must Be Beautiful"](#). Acesso em 16 Jul 2021.

GADELHA, Paula Caldas Ernesto. **Dança e Dramaturgia : O CRIME COMPENSA** Disponível em: [file:///C:/Users/Lenovo/Downloads/PauloCaldasErnestoGadelhaorgsDanca1%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Lenovo/Downloads/PauloCaldasErnestoGadelhaorgsDanca1%20(1).pdf). Acesso em 21 Set 2021.

CAVALCANTI, Fernando. **Mural de grafite na Av. 23 de Maio, fotografado em 20 de janeiro**. Disponível em: [A 'maré cinza' de Doria toma São Paulo e revolta grafiteiros e artistas](#). Acesso em 01 Out 2021.

PAULO, Paula Paiva. **Prefeitura de São Paulo apagando grafites na Avenida 23 de Maio**. Marcelo S. Camargo/Frame Photo/Estadão Conteúdo, 2019. Disponível em: [Justiça de SP condena Doria e a Prefeitura por remoção de grafites na 23 de Maio](#). Acesso em 01 Out 2021.

KAISER, Millos. **Resposta à prefeitura**. Acervo pessoal da Revista Trip, 2013. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/osgemeos>. Acesso em 01 Out 2021.

G1. **Resposta dos Gêmeos para o prefeito**. G1 São Paulo, 2013. Disponível em: [Após apagar painel, Prefeitura busca acordo com 'Os Gêmeos'](#). Acesso em 01 Out 2021.

DAVIS, F. **A Comunicação não-verbal**. São Paulo: Summus, 1979.

HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V.. (Orgs.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

JAKOBSON, R. **Lingüística e Comunicação**. Tradução: Izidoro Blikistein e José Paulo Paes. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 2005. p. 17-79. Disponível em: [LINGÜÍSTICA E COMUNICAÇÃO](#). Acesso em 09 Nov 2020

MARCUSCHI, L. A. **Da Fala para a Escrita**: atividades de retextualização. 10a ed.. São Paulo: Cortez, 2010. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/236513/mod_resource/content/1/Oralidade%20e%20letramento. Acesso em 09 Nov 2020

PAVIS, P. **A análise dos espetáculos**: teatro, mímica, dança, dança-teatro, cinema. São Paulo: Perspectiva, 2005. Disponível em: http://www.lizen.com.br/wp-content/uploads/2016/03/PAVISPatrice_AnaliseDosEspetaculos_EspacoTempo.pdf. Acesso em 09 Nov 2020

PETTER, M. Linguagem, língua, lingüística. In: FIORIN, J.L. (Org.). **Introdução à lingüística**. Objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2002. Disponível em: [Introdução à Lingüística](#). Acesso em 09 Nov 2020

RECTOR, M.; TRINTA, A. R. **Comunicação do Corpo**. São Paulo: Ática, 1990.

APÊNDICE 1

LINK DO FORMULÁRIO : <https://forms.gle/v1WvVrJetvJ4H5EB9>